

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE QUÍMICA

ALESSANDRA QUADROS DA COSTA

**O ENSINO DE CIÊNCIAS NATURAIS EM GUINÉ-BISSAU:  
HISTÓRIA, CURRÍCULOS E PRÁTICAS**

Porto Alegre, 2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE QUÍMICA

ALESSANDRA QUADROS DA COSTA

**O ENSINO DE CIÊNCIAS NATURAIS EM GUINÉ-BISSAU:  
HISTÓRIA, CURRÍCULOS E PRÁTICAS**

Trabalho de conclusão apresentado junto à atividade de ensino “Seminários de Estágio” do Curso de Licenciatura em Química, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Química.

Profa. Dra Camila Greff Passos  
Orientadora

Porto Alegre, 2014

Dedico este trabalho a Deus, pela Sua presença constante e irrefutável durante esta etapa da minha vida; aos meus pais, por terem me ensinado a simplicidade, a honestidade e a lutar pelos meus sonhos; e às Profas. Dras. Camila Passos e Tânia Salgado, por terem acreditado no meu potencial e no meu trabalho.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus amores, Edeimar Altair Fortunato da Costa e Alita Regina Quadros da Costa: meus exemplos de vida e de coragem, minha fonte de alegria, meu porto seguro.

Aos professores que marcaram a minha história e a minha maneira de pensar: Professores José Claudio Del Pino e Marcelo Leandro Eichler, por terem permitido a minha participação no grupo de pesquisa da Área de Educação Química. À Professora Tânia Salgado, pela oportunidade de ter trabalhado no PIBID e de apresentar trabalhos em eventos relacionados ao ensino de Química; teu exemplo me constrange, mas também me projeta para alçar voos mais altos, seja na Química ou fora dela. Àquela que foi motivo das minhas orações, e hoje a considero como minha irmã mais velha: Professora Camila Passos. Mais uma vez, muito obrigada por ter sonhado juntamente comigo sobre esta temática de Trabalho de Conclusão de Curso durante os meses que antecederam a viagem e pelo contato via e-mail quando eu estava do outro lado do Atlântico.

À Diésica König dos Santos, “[...] há amigo mais chegado do que um irmão” (Provérbios, cap. 18, verso 24).

À Daiane Moraes de Almeida por ter me encorajado quando eu pensava que este dia nunca chegaria. Muito obrigada pelo acolhimento, pelas orações e pelas palavras animadoras.

À Família Kellermann – tio Alex, tia Sheila, e meus irmãos Thiago e Beatriz – obrigada pela recepção em Cacine e pelo tratamento de princesa que vocês me concederam. Momentos inesquecíveis de aprendizado, de compartilhamento, de muitas risadas, de sessões de cinema e de serviço a Deus juntos. *Deus ku bo!*

À Ana Paula Rieck, da empresa Paralelo 30 Viagens e Turismo, pelo profissionalismo e paciência em responder a todos os meus questionamentos (e trazer tranquilidade aos meus pais!) em relação à viagem para a República da Guiné-Bissau.

À Escola Betel-Cacine pelo acolhimento e por ter me ensinado que é possível trabalhar com os recursos que se tem.

À Banca Examinadora pelas sugestões e conselhos que tornaram este Trabalho mais rico e proveitoso.

À UFRGS por me proporcionar uma educação gratuita e de qualidade. Ao CNPq pelo fomento às pesquisas que pude realizar.

“Grande é a tua fidelidade”.

(Lamentações de Jeremias cap. 3, versículo 23).

## RESUMO

O presente trabalho investiga sobre a situação atual da formação de professores de Ciências Naturais na República da Guiné-Bissau (RGB). Além disso, busca identificar as influências da proposta coordenada por Demétrio Delizoicov Neto e José André Peres Angotti no final da década de 1970, a qual estava fundamentada nas ideias de Paulo Freire, no currículo e nas práticas vigentes. Em um primeiro momento, mostra-se a motivação da viagem a este país durante as férias letivas do verão de 2014, assim como um breve relato sobre o panorama social, histórico e geográfico bem como da sua cultura pluriétnica. Os dados desta pesquisa qualitativa foram compilados e analisados por meio de um Estudo de Caso, sendo constituídos do Projeto Político Pedagógico da Escola Betel-Cacine, de observações da sala de aula, de entrevistas realizadas nesta instituição de ensino e dos documentos oficiais referentes ao ensino de Ciências Naturais da RGB. Desta forma, identificou-se que os documentos oficiais norteadores do ensino de Ciências Naturais contemplam as perspectivas educacionais da proposta analisada. Devido à carência de professores da área, assim como da possibilidade de atuar como docente sem a formação teórica e prática que proporcione ao professor estruturar suas aulas com uma abordagem problematizadora, as rotinas de sala de aula analisadas não correspondem às expectativas da concepção freireana.

**Palavras-Chave:** Formação de Professores, Ensino de Ciências, Educação Problematizadora.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Tráfico de negros na Guiné.....	11
FIGURA 2 – Hastearmento da bandeira da RGB.....	12
FIGURA 3 – Bandeira da RGB.....	14
FIGURA 4 – Mapa da RGB.....	15
FIGURA 5 – A organização do ensino da RGB em 1979.....	25
FIGURA 6 – Triangulação da 1ª Categoria.....	33
FIGURA 7 – Mapa da localização da Vila de Cacine.....	34
FIGURA 8 – A escola.....	36
FIGURA 9 – Fachada da escola.....	36
FIGURA 10 – Biblioteca.....	37
FIGURA 11 – Livros de Química e Física.....	37
FIGURA 12 – Pavilhões de sala de aula.....	38
FIGURA 13 – Banheiro.....	38
FIGURA 14 – Banheiro de uso coletivo.....	39
FIGURA 15 – Sala dos Professores.....	39
FIGURA 16 – Cozinha, cozinheiras e refeitório.....	40
FIGURA 17 – Triangulação da 2ª Categoria.....	45
FIGURA 18 – Triangulação da 3ª Categoria.....	48

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2. OBJETIVOS .....</b>	<b>10</b>
<b>3. REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>11</b>
3.1 PANORAMA SOCIAL, HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DA RGB .....	11
3.1.1 <i>Contexto Histórico-Político</i> .....	11
3.1.2 <i>Dados Geopolíticos</i> .....	14
3.1.3 <i>Geografia e Clima</i> .....	15
3.1.4 <i>Demografia</i> .....	15
3.1.5 <i>Religião</i> .....	16
3.1.6 <i>Costumes e Cultura</i> .....	17
3.1.7 <i>Economia</i> .....	18
3.2 PROJETO FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS NATURAIS .....	21
3.2.1 <i>Relações da Concepção de Educação de Paulo Freire e as Necessidades Educacionais da RGB</i> .....	21
3.2.2 <i>Objetivos, Características, Produções e Desafios do CEPI</i> .....	25
<b>4. METODOLOGIA.....</b>	<b>30</b>
<b>5. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>32</b>
5.1 DOCUMENTOS OFICIAIS .....	32
5.2 PROFESSORES DA VILA DE CACINE .....	45
5.3 CONCEPÇÕES E PRÁTICAS .....	48
<b>6. CONCLUSÃO.....</b>	<b>51</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>53</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>55</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>56</b>



## 1. INTRODUÇÃO

No segundo semestre do Curso de Graduação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a minha atenção foi cativada para o tema Formação de Professores ao cursar a disciplina “Ensino e Identidade Docente” e, no decorrer dos últimos 7 anos de aspirante à docência, questioneimei-me sobre o percurso da minha própria formação como educadora para ministrar aulas de Química assim que estivesse formada/diplomada. Como se não bastasse “somente” esta questão, durante a disciplina de “Estágio de Docência em Ensino de Química III-C”, deparei-me com a realidade de uma escola que me fez discorrer sobre a seguinte interrogação: como lecionar a disciplina de Química em uma escola que não me oferece recursos?

Procurando uma temática para ser abordada neste Trabalho de Conclusão de Curso, pude contatar uma família brasileira que é missionária há 6 anos no continente africano, sendo 4 deles na RGB. Após o retorno destes à RGB, recebi o contato de uma escola a qual demonstrou pleno interesse na minha viagem àquela nação. Ofereci a eles, ou seja, à RGB, aquilo que eu pude “levar” na mala: atividades relacionadas à área da educação, isto é, Escola Bíblica para o ensino infantil e materiais didáticos de Química para o ensino de jovens.

Porém, muito trabalho ainda teria que ser realizado, pois com qual professor eu poderia compartilhar este sonho de “simplesmente” ministrar aulas de Química do outro lado do Atlântico e transformar esta experiência no assunto deste trabalho final de curso? Após questionar a Professora Camila Passos, ouvi sua resposta afirmativa de que é possível dar aulas de Química em um contexto onde não há recursos. Assim, a partir daquele dia, eu já não sonhava mais sozinha, tinha uma orientadora para o meu trabalho; o sonho começou a tomar forma...

Assim, o presente TCC de Química Licenciatura foi executado com a finalidade de consultar, refletir e buscar respostas sobre a formação dos docentes da Escola Betel-Cacine da RGB e, também, se é possível professorar sob uma perspectiva de prática educativa freireana, já que me propus a investigar sobre as influências do projeto coordenado e implementado por Demétrio Delizoicov Neto e José André Peres Angotti no final da década de 1970.

Esta pesquisa de campo foi efetuada em uma única turma de 8º ano, com 52 alunos, do ensino Liceu (corresponde ao Ensino Médio no contexto brasileiro), no turno da tarde por 5 semanas ininterruptas. Neste período, foram realizadas 3 formas de coleta de dados: análise dos documentos oficiais sobre o Ensino de Ciências Naturais da RGB, registros no diário de campo e de entrevistas com o Diretor e o Corpo Docente da escola.

Os questionamentos, descritos inicialmente, foram maximizados ao me deparar com a realidade do país: sua história, seus costumes e sua cultura; da população local; seu comportamento e sua forma de organização social; e, por fim, da comunidade escolar e tudo o que nela está envolvido e (n)ela se envolve. Foram dias, semanas, de um aprendizado único não somente no contexto de ensino e de formação de professores de Ciências Naturais, mas também, no sentido humano e social de ser guineense.

Além deste capítulo introdutório, descrevo sobre o contexto histórico-político da RGB e os fundamentos do projeto coordenado por Demétrio Delizoicov Neto e José André Peres Angotti no capítulo 2.

No capítulo 3, apresento os objetivos deste Trabalho de Conclusão de Curso e no capítulo 4, a metodologia utilizada nesta pesquisa.

No capítulo 5, discuto os dados coletados os quais foram fundamentados com o referencial teórico. Para finalizar, no capítulo 6 relato as conclusões obtidas.

## 2. OBJETIVOS

O propósito maior desse trabalho consiste em realizar um estudo sobre as formas de contribuição da experiência educacional implementada entre os anos de 1979 a 1981, por Demétrio Delizoicov Neto e José André Peres Angotti, nas atuais dinâmicas curriculares e nas práticas docentes das salas de aula de Ciências Naturais da República da Guiné-Bissau.

Posto isso, e refletindo-se sobre as demandas contemporâneas da Educação em Ciências, inclusive as do Brasil, esse Trabalho de Conclusão de Curso tem por objetivos específicos:

- i. Analisar as relações entre as orientações curriculares oficiais de Guiné-Bissau para o ensino de Ciências Naturais, com as propostas curriculares coordenadas por Demétrio Delizoicov Neto e José André Peres Angotti (DELIZOICOV, 1982);
- ii. Identificar quem são os professores de Ciências da Vila de Cachine, sua formação, carga horária e condições de trabalho;
- iii. Verificar se as concepções freireanas norteiam as práticas educativas das salas de aula de Ciências Naturais de uma determinada escola local da Vila de Cachine.

### 3. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, primeiramente, apresenta-se um breve panorama do contexto histórico, social e político da RGB. Na sequência, apontam-se os principais fundamentos teóricos e metodológicos dos projetos coordenados por Demétrio Delizoicov Neto e José André Peres Angotti que nortearam a estruturação dos currículos dos componentes curriculares das Ciências Naturais, na RGB, no final da década de 1970.

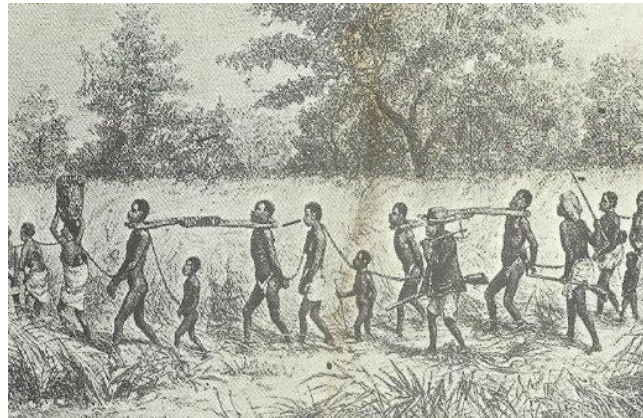
#### 3.1 PANORAMANA SOCIAL, HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DA RGB

##### 3.1.1 Contexto Histórico-Político

Na primeira metade do século XV, o navegador português Nuno Tristão descobre a região costeira da RGB. Portugal se empenha na realização de trocas comerciais com nativos em troca de aguardente, pólvora, tabaco e outros itens até o século XIX (ASSEMBLEIA NACIONAL POPULAR, 200-).

Entretanto, a Coroa Portuguesa obtinha maior lucro com o tráfico de escravos (Figura 1), o qual perdurou até 1842, com os últimos embarques clandestinos com destino a Cuba (CAMPOS, 2012).

Figura 1 – Tráfico de negros na Guiné.



Fonte: Site Novas da Guiné-Bissau, 2014.

Após este período, ocorreram algumas mudanças visando melhorar a qualidade de vida dos guineenses, como estradas, pontes, luz elétrica, além do ensino do Liceu e da escolha de Bissau como capital da RGB (MARTINS, 2005).

Para conseguir sua independência, esta colônia precisou se organizar e lutar contra a Coroa. Para isso, em 1956, o cabo-verdiano Amílcar Cabral fundou e liderou o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC). Em Guiné-Conakry, este líder-militante pela independência foi assassinado no ano de 1973, ironicamente no ano da tão

sonhada libertação de Portugal, que data de 24 de setembro, sendo reconhecida por Portugal somente em 10 de setembro de 1974. Na figura 2, pode ser observado o hasteamento da bandeira (CAMPOS, 2012).

Figura 2 – Hasteamento da bandeira da RGB.



Fonte: *Site Novas da Guiné-Bissau*, 2014.

Neste mesmo ano, Luís de Amílcar Cabral (irmão do fundador do PAIGC), foi admitido pelas Nações Unidas como presidente, porém foi deposto por um golpe de Estado.

O golpe de Estado foi liderado pelo primeiro-ministro João Bernardo Vieira (Nino Vieira) no início da década de 80, momento em que a Assembleia Nacional reforçava os poderes do Presidente da República e a política de unidade entre a RGB e Cabo Verde (ASSEMBLEIA NACIONAL POPULAR, 200-).

Em 1994, ocorreram as primeiras eleições democráticas, sendo Nino Vieira o presidente eleito. Porém, em junho de 1998, estourou a revolta das Forças Armadas chefiada por Ansumane Mané e, nesse período, o presidente foi deposto de seu cargo (MARTINS, 2005).

No ano de 2000, Koumba Yalá foi eleito presidente, sendo deposto em 2004 por um outro golpe militar (MARTINS, 2005). Nesse período, morreu Ansumane Mané e o país entrou em um período de transição política (ASSEMBLEIA NACIONAL POPULAR, 200-).

Novas eleições ocorreram em 2005, e Nino Vieira mais uma vez assume o poder. Em abril de 2012, houve um novo golpe de estado dos militares e, no mês seguinte, foi nomeado um presidente interino (CAMPOS, 2012).

Através da formação de um governo de unidade nacional com todos os partidos do país, foi estabelecida a data de 13 de abril de 2014 para as eleições presidenciais e legislativas, as quais já haviam sido adiadas por duas vezes. Conforme o *site* Gabinete

Integrado das Nações Unidas para a Consolidação da Paz na Guiné-Bissau, cuja sigla em inglês é UNIOGBIS, o Secretário-Geral elogiou os guineenses pela participação pacífica durante o primeiro turno das eleições e solicitou aos candidatos que respeitassem os resultados oficiais pelo Supremo Tribunal de Justiça. Foi necessário um segundo turno em 18 de maio para a disputa presidencial entre José Mário Vaz (PAIGC) e Nuno Gomes Nabiam, que era candidato independente apoiado pelo Partido da Renovação Social (PRS). O PAIGC venceu ambas as disputas eleitorais (GBISSAU.COM, 2014).

Ante a esse contexto histórico-político, o crescimento econômico para 2014 e anos seguintes será diretamente proporcional ao desenvolvimento na área política do país, uma vez que, com a fraca atividade econômica no setor agrícola, o governo não tem conseguido pagar os salários atrasados. Além disso, a RGB conta com o apoio e parcerias de distintas nações, como o Brasil, a Angola, a China e o Irã (WORLD BANK, 2014).

Conforme os pesquisadores do Centro de Estudos Brasil-África do Sul (CESUL), desde a década de 1960 o Brasil realizou diversos Acordos Culturais com os países africanos que almejavam a independência de Portugal, dentre os quais foi criado o Programa de Estudantes Convênio (PEC), com bolsas de estudo para estudantes africanos no Brasil (PEREIRA; VISENTINI, 2008). Em 2005, o presidente brasileiro da época visitou alguns países e, dentre deles, a RGB. Os países integrantes da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) buscavam melhorar as áreas de segurança, negócios, saúde e, claro, educação. Para a RGB, o Brasil forneceu urnas eletrônicas para as eleições.

### 3.1.2 Dados Geopolíticos

A República da Guiné-Bissau localiza-se na costa oeste do continente africano, com uma área territorial menor que o estado do Rio de Janeiro. Suas divisas territoriais são: ao norte, com Senegal, a leste e sudeste com Guiné-Conakry e ao sul e oeste o Oceano Atlântico. A RGB possui, também, o arquipélago de Bijagós, com mais de 80 ilhas (AGUILAR; RAYMOND; RODRIGUES, 2003). A bandeira deste país pode ser observada na figura 3, e o respectivo mapa, na figura 4.

Figura 3 – Bandeira da República da Guiné-Bissau.



Fonte: *Site bandeiras-nacionais.com*.

Figura 4 - Mapa da RGB.



Fonte: *Site Nações Unidas*.

### 3.1.3 Geografia e Clima

Este pequeno país possui um clima tropical com uma vegetação savana e planície pantanosa. A estação seca corresponde aos meses de novembro a abril, e a estação chuvosa, de maio a outubro. A RGB contém uma grande reserva de água devido à presença dos rios Cacheu, Corubal e Geba, que percorrem o interior. O arquipélago de Bijagós foi classificado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) como reserva ecológica biosférica devido à grande variedade de mamíferos, peixes e aves, e de florestas e savanas ali encontradas (AGUILAR; RAYMOND; RODRIGUES, 2003).

### 3.1.4 Demografia

Os guineenses distribuem-se em vários grupos étnicos, produzindo, assim, uma diversidade cultural muito peculiar. Delizoicov (1982) relatou em sua pesquisa a porcentagem dos grupos étnicos mais importantes: Balantas, 30% da população, plantadores de arroz; Fulas, 20% da população, criadores de gado e Manjacos, 14% da população, agricultores e emigram para o Senegal e a França.

Pinto (2009) relata que, além destes, há também os Felupes, Mandingas, Papel, Sossos e outros que, aproximadamente, resultam em 30 etnias diferentes.

O idioma oficial da RGB é o português de Portugal, porém não é o mais falado, porque o crioulo (*kriol*), também conhecido como “crioulo da Guiné” ou “crioulo guineense”, é empregado pela grande maioria dos seus habitantes (DELIZOICOV, 1982).

### 3.1.5 Religião

Segundo os dados da pesquisadora Pinto (2009), cerca de 55% da população guineense confessa o animismo, 40% o islamismo, e 5% professa o cristianismo. O animismo é uma religião tradicional africana “cuja crença está baseada no culto dos antepassados, das forças da natureza e no poder da espiritualidade” (AUGEL, 2007, p. 92).

O grupo étnico Balanta é adepto do animismo (DELIZOICOV, 1982). Esta religião não permite a riqueza individual entre seus adeptos, fazendo com que a implementação de projetos que visam à ajuda econômica seja irrealizável. A aguardente de cana está presente no convívio social e ritualístico deste grupo, conforme Pinto (2009).

Delizoicov (1982) relata que o grupo étnico Fula confessa a religião islâmica. Esta crença “se introduziu definitivamente no território guineense a partir do século XIX” (FREITAS, 2011, p. 40). Em 1975, o governo começou a proporcionar viagens à Meca e a financiar organizações islâmicas. Assim, no final do século XX, o prestígio da religião pode



ser explicado pelo crescimento do número de mesquitas, de fiéis, de escolas e organizações islâmicas e de peregrinos a Meca, conforme a pesquisa de Cardoso (2004). Essas ações do Estado têm um único objetivo: instrumentalizar a comunidade islâmica através de uma estreita ligação com a política (CARDOSO, 2004, p.11).

Como o Estado enfrenta um grande desafio para sanar e estabilizar os problemas da educação nacional, as escolas islâmicas já resultam em um número de 617 unidades em todo o país, conforme Freitas (2011).

Os Manjacos, assim como os Balantas, são animistas “acreditando nos rituais cerimoniais, desde o nascimento até à morte” (SEMEDO; GOMES, 2011, p. 65). Sobre os rituais funerários, conforme Semedo e Gomes (2011), há uma diversidade deles, o lançamento de flechas para o céu, a fim de espantar os espíritos maus da alma do chefe, o enterro de um ferreiro sentado, porque esta foi sempre sua postura de trabalho, e o *toca-choro* (“cerimônia fúnebre”, em crioulo), onde nesta ocasião, que dura no mínimo uma semana, os visitantes realizam refeições por conta da família enlutada são alguns exemplos.

### 3.1.6 Costumes e Cultura

Conforme relatos de Delizoicov (1982) e observações da pesquisadora e autora deste trabalho, descrevem-se alguns aspectos da cultura e dos costumes deste continente ímpar, a fim de que o leitor tenha uma noção da realidade do que é ser um africano, e, mais do que isso, um guineense.

Os guineenses organizam-se em *tabancas*, que significa “aldeias”, em crioulo. Nestes locais, as casas são construídas com tijolos de barro os quais são fabricados pelas próprias mãos dos nativos, o telhado pode ser palha ou de zinco. Devido à ausência de eletricidade, tanto o banheiro quanto a cozinha estão localizados na área externa da residência.

No momento das refeições – café da manhã, almoço e janta –, os guineenses acomodam-se em pequenos bancos (ou até mesmo agachados) ao redor de uma grande tigela, comendo com as mãos. Quando há uma colher, esta pode vir a circular entre eles. Durante este momento, se qualquer pessoa transitar por este grupo, seja nativo ou estrangeiro, será convidado a comer: *Bin kume* (“venha comer”, em crioulo). O alimento que não falta na “mesa” dos guineenses é o arroz. Se houver poder de compra, pode ser adquirido molho de tomate, cebola, aipim, batata e peixe.

À figura feminina cabe a tarefa de rachar lenha, catar água, lavar roupa, lavar louça, varrer o pátio, manter o cabelo bem penteado, trançado ou com peruca e, claro, educar as crianças. As pessoas respeitadas pela aldeia são chamadas de *homi garandi* e *minjer garandi*,

que significam “homem grande” e “mulher grande”, em crioulo, respectivamente, segundo Delizoicov (1982).

As crianças, além de frequentar a escola – para aquelas que dispõem de uma instituição de ensino relativamente próxima da sua casa –, ajudam a mãe nas tarefas domésticas. No momento de lazer, nenhum menino repara que a bola de futebol está furada.

Os rapazes retiram da palmeira o *chebem* para a produção de azeite, pescam para comer ou vender a mercadoria às pessoas da redondeza e ajudam o próximo na edificação de uma moradia. As meninas são dadas em casamento, fazendo com que antes da adolescência já não frequentem mais o ambiente escolar.

### 3.1.7 Economia

As atividades agrícolas representaram, segundo os Dados Básicos e Principais Indicadores Econômico-Comerciais Guiné-Bissau, 56% do PIB da RGB em 2012. As culturas mais significativas são o cultivo do amendoim, do arroz, da castanha de caju e do milho, juntamente com o setor da pesca (BRASIL, 2013).

Em relação ao ano de 2012, as exportações resultaram em U\$ 151,1 milhões, sendo 82% destinados à Índia; já as importações, U\$ 283,1 milhões, oriundas de Portugal e Senegal, que somam mais de 50% (BRASIL, 2013).

O Brasil, de todos os itens que exportou à RGB, 57% corresponde ao açúcar. Já, no processo inverso, o Brasil recebeu 99,9% de castanha de caju deste país africano (BRASIL, 2013).

Dados extraídos do Calculador Gratuito em Linha de Conversão de Taxas de Câmbio Brasil e África Ocidental informam que a moeda local é chamada de Franco CFA, e cada R\$ 1,00 equivale a 216,89 fr CFA (CONVERSOR, 2014).

A fim de se obter uma visão panorâmica sobre a realidade guineense em termos de índices socioeconômicos, a Tabela 1 mostra os dados comparativos do Índice de Desenvolvimento Humano cuja sigla é IDH (ONU, 2013) do ano de 2012 do Brasil, o qual foi classificado como um país de desenvolvimento humano elevado, e da RGB, país de desenvolvimento humano baixo.

Tabela 1 – Dados do IDH comparativos do Brasil e da RGB.

Índices socioeconômicos	País	
	Brasil	Guiné-Bissau
População Absoluta (hab.)	199,3 milhões	1,6 milhões
População Relativa (hab/m <sup>2</sup> )	23,4	45,08
Taxa de Natalidade (nascimentos/1000 hab.)	17,48	34,72
Taxa de Mortalidade (mortes/1000 hab.)	6,38	15,01
Taxa de Mortalidade infantil (mortes/1000 nascidos vivos)	20,5	94,4
Densidade de Médicos (médicos/1000 habitantes, 2005-2010)	1,7	0,00
Taxa de Mortalidade – malária (100000 pessoas/ano, 2008)	0,1	203
Expectativa de Vida (anos)	73,02	48,6
Taxa de Fertilidade (infantes nascidos/mulher)	1,81	4,44
Taxa de Incidência da População Adulta com HIV/Vírus da AIDS (% , 2007)	0,6	1,8
Taxa de Alfabetização de Adultos (% com 15 anos ou mais, 2005-2010)	90,3	54,2
População com pelo menos o Ensino Secundário (% de 25 anos ou mais, 2010)	49,5	NC
Professores do Ensino Primário com formação para o Ensino (% , 2005-2011)	NC	38,9
Desempenho dos Estudantes de 15 anos em Ciências (classificação média, 2009)	405	NC
Taxa de Abandono Escolar no ensino primário (% do Grupo do Ensino Primário, 2002-2011)	24,3	NC
Média de Anos de Escolaridade (2010)	7,2	2,3
Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)	0,730	0,364 (desde 2005)
Nº da Posição do País no IDH	85	176

Fonte: Site UNDP.

NC = não consta dados sobre o respectivo índice.

### 3.2 PROJETO FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS NATURAIS

A convite do governo guineense, Demétrio Delizoicov Neto e José André Peres Angotti, no final da década de 1970, coordenaram o “Projeto Formação de Professores de Ciências Naturais”, por quase dois anos no Centro de Educação Popular Integrada (CEPI) na RGB. O projeto tinha como finalidade a formação de professores de 5ª e 6ª classes (5ª e 6ª séries no contexto brasileiro) em Ciências Naturais e a produção de material didático. Cabe salientar, que o projeto foi executado com a assistência técnica do *Institut de Recherche, Formation, Education et Developpement* e com recursos financeiros do Fundo Europeu de Desenvolvimento.

Conforme Delizoicov (1982), o projeto que foi implementado na RGB apresentava semelhanças às propostas de ensino de Paulo Freire, o qual já desenvolvia um trabalho neste país de alfabetização de adultos. Desta forma, antes de serem detalhados os objetivos, características e produções do projeto desenvolvido no CEPI, descreve-se brevemente sobre a concepção freireana de educação, a partir dos estudos realizados por Delizoicov (1980, 1983, 1982), buscando relacioná-los com a realidade educacional da RGB.

#### 3.2.1 *Relações da Concepção de Educação de Paulo Freire e as Necessidades Educacionais da RGB*

Em 1975, no Instituto de Física da USP, o grupo formado por Demétrio Delizoicov Neto, José André Peres Angotti, João Zanetic, Luis Carlos de Menezes e Mario Takeya buscava desenvolver uma proposta de ensino de Ciências que fosse além do preparo do aluno para o vestibular. Os pesquisadores consideravam que a disciplina de Ciências deveria dialogar com o cotidiano do aluno, trazer o dia a dia deste para a sala de aula, objetivando assim “a compreensão ‘prática’ do mundo físico, tecnológico ou não, em que o estudante vive” (DELIZOICOV, 1982, p. 1 e 2. grifo do autor).

Na busca de viabilizar suas ideias, o grupo se inspirou na proposta pedagógica que Paulo Freire chamava de “educação problematizadora”. Conforme Delizoicov (1982):

[...] nossa visão de promover o ensino a partir de assuntos do cotidiano tinha algo em comum com a noção de “tema gerador” em Paulo Freire, por outro lado sentíamos como problemática a adaptação da concepção freireana num contexto de educação formal em ciências (DELIZOICOV, 1982, p. 2. grifo do autor).

Segundo Delizoicov (1982), os desafios para a implementação do projeto do CEPI na RGB eram muitos, dentre eles: a diversidade étnica, cultural e linguística; população inteiramente rural cuja tradição africana não acompanhava a cultura ocidental e escolaridade

máxima até o Liceu. Vale ressaltar a relevância deste trabalho inovador no ensino formal da RGB, quando na época, esta nação não pertencia mais a Portugal há apenas 8 anos.

A “educação problematizadora ou dialógica” uma prática educativa onde o educando é sujeito desta ação, inclusive no conteúdo programático, traz uma nova maneira de abordar os conteúdos em sala de aula cujo ponto de partida está baseado na realidade que cerca o professor, a comunidade e a experiência de vida do aluno. Os temas geradores são escolhidos com a participação dos estudantes, pois são assuntos originados das relações homens-mundo e homens-homens até serem modificadas as relações educação-sociedade. Uma radical transformação na forma de pensar a educação, a sociedade e a relação aluno-professor, acontecerá se, e somente se, houver um diálogo entre os seus participantes, de acordo com Delizoicov (1982).

Para que o aluno seja autor da Ciência e não um mero aprendiz, a educação problematizadora acontece através de um diálogo, princípio da dialogicidade, o qual é compreendido como uma relação horizontal entre dois ou mais sujeitos. Segundo Freire: “É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade” (FREIRE, 1975, p.23 *apud* DELIZOICOV, 1982, p. 13).

Delizoicov (1982, p. 11 e 12) disse que: “o tema gerador, portanto, gerará um conteúdo programático a ser estudado e debatido; [...] um dos instrumentos que tornam possível ao aluno uma compreensão do seu meio natural e social”. Sendo assim, esta proposta visa, ao trazer os assuntos da vida do aluno para a sala de aula “a própria discussão dessa realidade, a sua compreensão e a sua transformação, sendo as informações científicas um meio para tanto” (DELIZOICOV, 1982, p. 12, grifo do autor).

Neste âmbito, o pesquisador relatou que foi necessário conhecer, mesmo que superficialmente, a realidade guineense, a fim de que houvesse uma melhor conceituação e um norteamento quanto à prática ideológica que seria empregada. Delizoicov (1982) descreveu que na primeira visita à RGB, a qual aconteceu de julho a setembro no ano de 1978, houve um convívio intenso com os nativos, os docentes e os estudantes:

Costumávamos após as refeições conjuntas, permanecer no refeitório onde estabeleciam-se longas conversas com os guineenses e a equipe de formadores do centro. Assim, entre outros, ouvíamos muitos relatos da época da luta da libertação nacional, contadas por alguns professores, que ainda adolescentes viveram nas regiões libertadas, ou por membros da população da tabanca, que constantemente procuravam o centro, e a noite, juntavam-se a nós para conversar (DELIZOICOV, 1982, p. 16).

Nos momentos de vivência com os nativos, o grupo conheceu o animismo, os meios de produção agrícola, e as tradições da comunidade local - a balanta -, a qual não permitia o

uso da vaca em trabalhos pesados na agricultura, o árduo trabalho da mulher, sua estrutura social, o cultivo da rizicultura e dentre outros assuntos comunitários, de acordo com Delizoicov (1982). Através destes breves conhecimentos, o grupo de pesquisadores pode concluir: “De novo, pudemos constatar que uma educação em ciências, livresca, e que não leve em consideração a realidade e o ‘pensar’ da comunidade sobre esta, para muito pouco servirá” (DELIZOICOV, 1982, p. 19, grifo do autor).

Nestes encontros de comunicação com a aldeia, descritos como exemplos da “dialogicidade”, os pesquisadores puderam constatar que:

O diálogo, portanto, deve ser uma constante na educação problematizadora. Do diálogo e com o diálogo, podemos obter o conteúdo programático. Com o diálogo, na situação “sala de aula”, iremos problematizar este conteúdo com os alunos (DELIZOICOV, 1982, p. 21, grifo do autor).

Desta forma, o professor que utilizar dos princípios da educação dialógica, sempre problematizará o conteúdo, promovendo o diálogo com os alunos e entre eles, em sala de aula. Delizoicov (1982, p. 23), citando Freire (1975, p.53), exemplifica afirmando que: “O diálogo problematizador não depende do conteúdo que vai ser problematizado. Tudo pode ser problematizado”.

Assim, pode-se entender que, de acordo com Delizoicov (1982, p. 28), “a criticidade, a dialogicidade e a intervenção transformadora” constituem os pressupostos essenciais da educação problematizadora.

Nesta perspectiva, o conteúdo programático é desenvolvido a partir do momento que são conhecidos os temas geradores. Para a obtenção destes, são aconselhadas 5 etapas de “investigação temática” da proposta da “educação problematizadora”, conforme Delizoicov (1982):

- i. Levantamento preliminar: os investigadores visitam e conversam de uma maneira informal com os indivíduos da comunidade nos mais diversos ambientes da tabanca;
- ii. Análise das situações e escolha das codificações: com os dados obtidos, os pesquisadores assimilam o conjunto de contradições em que estão envolvidos os habitantes da área, formando assim uma espécie de “leque temático”;
- iii. Diálogos descodificadores: os diálogos são retomados nos “círculos de investigação temática”, onde as codificações selecionadas são debatidas e problematizadas;
- iv. A redução temática (geração do currículo): após a escolha do tema, as 4 etapas anteriores são realizadas novamente onde é selecionado o melhor canal de comunicação, as “codificações” são apresentadas aos alunos culminando no início do desenvolvimento do conteúdo programático. O tema escolhido retorna à comunidade de maneira organizada e

expandida no material didático produzido pelos investigadores na forma de questões para serem interpretadas.

Durante os estudos sobre a concepção de educação freireana, o grupo pode observar que este educador aplicava os seus conceitos de educação problematizadora em um ensino informal de alfabetização de adultos através de “palavras geradoras”, principalmente em zona rural. Então, passou-se a acreditar que esta prática pedagógica poderia ser empregada na educação formal no ensino de Ciências. Contudo, os obstáculos que estes pesquisadores enfrentariam, além dos já citados, envolvia um contexto do ensino de 1º grau, rural e africano (DELIZOICOV, 1982).

Delizoicov (1982) descreve que no período colonial, no final da década de 1950, foi criado o primeiro Liceu. Na década seguinte, havia menos de 600 alunos, sendo 60% deles de origem europeia. Durante a luta da libertação nacional, o colonialismo de Portugal começou a realizar “centros” sanitários e escolas e a enviar alunos às Universidades portuguesas. Delizoicov relata brevemente:

Tivemos a oportunidade de assistir alguns filmes documentários da época da luta. Neles, algumas cenas mostravam escolas construídas em “bambu” e cobertas com folhas de palmeiras, instaladas em clareiras nas matas. Enquanto as crianças lá aprendiam, havia em torno da escola, um efetivo das FARP dando proteção contra os possíveis ataques do exército português na região. Ainda hoje, no interior do país existem escolas construídas daquela forma (DELIZOICOV, 1982, p. 56. grifo do autor).

Após a independência, foi criada uma instituição de ensino a “Escola de Có”, cuja finalidade consistia em que os “educadores formados na luta” concluíssem seus estudos os quais não passavam de 4 anos.

Nesta época havia 2 modelos de escolas: a rural e a urbana. A primeira realizava somente alfabetização infantil, já a segunda constava em seu quadro de profissionais docentes aptos a instruir a elite africana que auxiliava o poder colonial.

Delizoicov narrou o que é ser um professor na RGB dizendo que:

A escolaridade máxima na Guiné atinge 11 anos de escola, equivalente ao último ano de colégio. Isso significa que não existe uma universidade. Essa escola até os 11 anos não é uma escola absolutamente profissionalizante. Não forma para nada a não ser a perspectiva de um estudante ir para o exterior. Então o que vem a ser o professor? O professor de 5ª e 6ª classes é um estudante do Liceu, ou que já o tenha terminado e que vai assumir um certo número de aulas. Não houve uma preparação anterior para esse professor atuar no meio. A solução que o Comissariado deu para, de alguma maneira, preparar esse elemento que vai trabalhar com educação são cursos de reciclagem durante dois meses, do período letivo às férias. Ele é um professor porque está na escola atuando com os alunos, não teve formação anterior para o magistério. Após o diploma do Liceu, o quadro deve trabalhar dois anos para a reconstrução nacional, depois é possível uma saída para estudar na universidade. (DELIZOICOV, 1980, p. 60).

### 3.2.2 Objetivos, Características, Produções e Desafios do CEPI

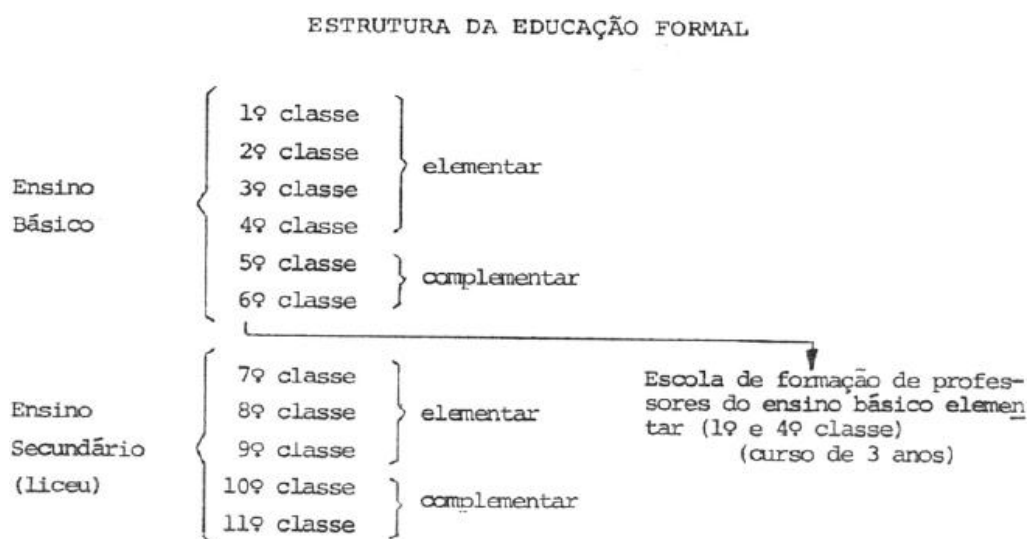
O Comissariado de Estado da Educação Nacional (CEEN) foi criado em outubro de 1974 para reformar o ensino nacional. Porém, esta tarefa não seria fácil, uma vez que havia uma carência de professores qualificados e a escassez de uma estrutura escolar e de aparelhagem adequada como recurso para as aulas (DELIZOICOV, 1982).

Segundo Delizoicov (1982), um dos objetivos desta reestruturação educacional, estava em universalizar as 5ª e 6ª classes com o dever do Estado em fomentar o ensino básico em 6 anos, preparando assim, este público, para a vida campestre.

E neste ambiente foi instaurado, em 1979, o “Projeto Formação de Professores de Ciências Naturais” para as 5ª e 6ª classes “com caráter de um projeto de ‘emergência’, no sentido que visava a suprir a falta de professores no país e que não substitui uma formação de nível superior” (DELIZOICOV, 1982, p. 58. grifo do autor).

Na época em que o trabalho foi executado, o ensino destas classes era disciplinar, com professores nativos, os quais já haviam concluído o Liceu ou se encontravam nos dois últimos anos escolares. O Liceu não oferecia, por menor que fosse, uma formação profissional. Para obter o ensino superior, o discente guineense era enviado ao exterior após ter trabalhado pelo menos por 2 anos pela “Reconstrução Nacional”, conforme Delizoicov (1982). Desta forma, nas escolas do CEPI, o docente se distingue dos demais, pois ao atingir a 9ª classe, dirige-se até o centro para obter a sua formação. A figura 5 mostra a situação educacional da RGB no final da década de 1970.

Figura 5: A organização do ensino na RGB em 1979.



Fonte: Delizoicov (1982).



O CEPI foi criado em 1977, a fim de “desenvolver um modelo de educação para o meio rural guineense” (DELIZOICOV, 1982, p.60). Sua operosidade está fundamentada em formar docentes para o centro, para as escolas de 5ª e 6ª classes e a animação da comunidade campestre. O conceito de animação se refere à necessidade de não subjugar a cultura africana ao entrar em contato com a ocidental. Assim, o docente formado pelo CEPI atuará como um animador nas discussões dos problemas da aldeia.

As primeiras visitas ocorreram na temporada da chuva, por isto não foi possível visitar todas as escolas, 20 ao todo. Neste período houve o acompanhamento de um “Inspetor do Ensino Básico”, o qual Delizoicov chamou de “história viva” da luta de libertação, ensinando a ele os hábitos da população e como conversar com ela.

A fase seguinte foi realizada durante o período de férias somando 200 horas em regime de internato por 40 dias. O Comissariado foi quem escolheu os 40 participantes desta formação de professores (DELIZOICOV, 1982).

No CEPI, as quatro grandes áreas estavam vinculadas ao meio rural, porque esse país africano possui 90% de sua população vivendo no meio rural. Isso explica, porque os temas do currículo a serem tratados foram: Agricultura, Saúde, Artesanato e Técnica, Comunidade e sua Cultura. Dessa forma, todas as disciplinas seriam abordadas e ministradas de forma global.

O CEEN começou a fornecer aos jovens, que almejavam o professorado, treinamento durante o período de férias letivas. Os participantes recebiam um “Texto de Apoio”, pelo qual deviam se basear no planejamento das suas aulas. O curso era ministrado por docentes estrangeiros que lecionavam no Liceu, segundo Delizoicov (1982).

Os estudos de Delizoicov (1982) relatam que esta iniciativa do Comissariado iniciou em 1977/1978 e até a realização do projeto destes pesquisadores haviam sido oferecidos apenas 2 cursos de formação.

Delizoicov (1982) descreveu que o projeto de formação de professores sob a sua coordenação, transcorreu de maio de 1979 a agosto de 1980 com os professores da 5ª classe. No final desta primeira etapa, ocorreu simultaneamente, o primeiro curso de formação para os docentes da 6ª classe.

Após 3 anos de ensaios com o ensino de Ciências fragmentado em Biologia, Física e Química, o CEEN condensou estas 3 em uma única disciplina – a disciplina de Ciências Naturais para a 5ª e 6ª classes (DELIZOICOV, 1982).

Delizoicov (1982) percebeu que o Comissariado almejava capacitar os professores tanto, para a nova disciplina, quanto para a fabricação do respectivo material didático,

contemplando a realidade guineense no formato didático-pedagógico que havia nas escolas do CEPI:

O fato de adotarmos uma abordagem para o ensino de Ciências, baseados nas premissas da “educação problematizadora”, era, portanto, antes que uma opção nossa, uma necessidade e uma determinação da Direção Geral de Ensino do CEEN. (DELIZOICOV, 1982, p. 63, grifo do autor).

Com este pensamento, o grupo de pesquisadores em conjunto com a Direção Geral de Ensino do CEEN, estabeleceu como quesitos do curso: abstrair, questionar e examinar os fenômenos da natureza e os problemas da comunidade por meio do conhecimento científico; julgar e escolher o conteúdo do programa; desfazer o conceito errado sobre o laboratório didático importado e executar experiências com materiais encontrados no povoado (DELIZOICOV, 1982).

Na época, menos de 30% dos professores possuíam os 11 anos de escolaridade completos, os quais assessoravam os outros docentes que possuíam um menor grau de instrução. Os docentes tinham o domínio do conteúdo da disciplina, porém a demanda era maior, pois eles deveriam orientar os colegas professores sobre o preparo das aulas, escolha dos temas, avaliação, experiências, material didático e de um texto para o aluno. Sem o material para o aluno, o processo ensino-aprendizagem tornava-se muito vagaroso, pois conforme relatou o pesquisador, as rotinas de sala de aula seguiam os seguintes passos:

Uma explicação oral do professor, tendo os alunos como ouvintes, era seguida por anotações na lousa para cópia pelos alunos, ou então de um ditado, sendo o conteúdo retirado do “Texto de Apoio”. Após, realizava-se a leitura coletiva do texto transcrito, repetidas vezes, até conseguir-se uma harmonia geral! O aprendizado, portanto, parecia-nos resumir-se na memorização de fatos e palavras, funcionando o professor, naquelas condições, como o elemento de ligação ente o “Texto de Apoio”, (só ele tinha acesso ao texto, pela limitação das tiragens) e o aluno (DELIZOICOV, 1982, p. 69, grifo do autor).

Delizoicov (1982) descreveu que acrescido à falta de material para os alunos, estava à cultura local de transmissão dos conhecimentos de forma oral. Esta tradição oral, como forma de aquisição de conhecimentos, é nacionalmente conhecida, sendo reflexo também do ensino colonizador que se fundamenta na repetição exaustiva.

Ademais, o material empregado para o preparado das aulas era importado. Conforme as palavras de Delizoicov:

O programa de Biologia, Física e Química estavam de acordo com os livros didáticos de iniciação científica editados em Portugal que ainda eram utilizados para a orientação dos programas na Guiné e na elaboração dos “Textos de Apoio”. (1982, p. 70, grifo do autor).

Dentre os diversos problemas encontrados durante o curso de formação, ainda estava o idioma. Delizoicov (1982) concluiu que a comunicação é um dos maiores obstáculos para se

pensar sobre a educação em Ciências, isto é, as leis e os princípios científicos, bem como os conceitos e definições tornaram-se, para o aluno guineense, uma desvantagem no seu aprendizado, uma vez que a comunicação em português é iniciada somente quando o estudante começa a frequentar a escola.

Concomitantemente à “geração” do programa de Ciências da Natureza e à busca de uma metodologia de ensino, foi desenvolvido o material didático experimental. O conteúdo programático deste material estava relacionado à alavanca e, deste tema, foi “gerado” o estudo das máquinas simples, dentre elas a escolhida foi a roldana. Para a produção dos conjuntos experimentais, foi calculada a quantidade mínima de 250 unidades para atender o público do ano letivo 79/80: 9.000 alunos de 5ª classe. Os materiais necessários foram: os contrapesos que foram fabricados com argamassa de argila e cimento por alguns alunos e professores; as réguas de madeira cuja impressão da escala foi realizada pelos docentes; as roldanas que também foram produzidas pelos professores juntamente com uma missão franciscana e, por fim, os suportes que foram fabricados por esta missão religiosa, conforme Delizoicov (1982).

O roteiro pedagógico empregado no curso de formação consistia em 3 momentos distintos: o “Estudo da Realidade” (ER), “Estudo Científico (EC) e a “Aplicação do Conhecimento” (AC). Na primeira situação, ocorre o “diálogo problematizador” onde o aluno se expõe perante um problema lançado pelo professor e este tem a função de estimular, ouvir e desafiar o estudante; na segunda, os fatos são analisados, experimentos podem ser usados para serem relacionados com o fenômeno e o docente traz conceitos que neste momento podem ser abstraídos; no terceiro momento, o EC é empregado para interpretar a realidade visando enriquecer o conhecimento do aluno, de acordo com Delizoicov (1982).

Como este material foi aplicado, primeiramente, com os participantes da formação, foi possível aprimorá-lo para o emprego correto do mesmo quando foi entregue aos alunos. Assim, o Texto do Aluno tinha a finalidade de possibilitar um salto qualitativo do trabalho em sala de aula, pois favorecia a participação ativa dos alunos durante as discussões, continha espaços para os alunos realizarem seus registros e conclusões sobre os dados, debates e experimentos realizados. Desta forma, o recurso pedagógico possuía lacunas que o aluno deveria preencher após uma explanação oral do professor e as discussões com os colegas e com o docente, caso o estudante não se dedique nesta proposta de ensino-aprendizagem não alcançará o aprendizado sobre o tema referido, segundo Delizoicov (1982).

Delizoicov (1982) relatou, entretanto, que havia uma desvantagem financeira: o material não poderia ser transferido e nem reutilizado por outro aluno. O CEEN distribuiu de

forma gratuita durante os anos letivos de 1979 e 1980. No ano seguinte, foi cobrado aos alunos um preço pela metade do custo.

Já o Guia do Professor necessitava apresentar certo grau de dependência para com o Texto do Aluno, isto é, complementá-lo com as informações que constavam no material do discente e, também, uma orientação metodológica a ser seguida. Assim, tanto o material do professor quanto o do aluno não poderiam ser usados separadamente, um dependia mutuamente do outro, conforme Delizoicov (1982).

Após a finalização do seu trabalho, Delizoicov (1982) foi solicitado para a realização do mesmo projeto para os professores das séries do Liceu nas disciplinas de Biologia, Física e Química.

O autor concluiu que no primeiro ano de implementação, os alunos eram mais participativos tanto nos debates em grupo quanto com o professor e, com afincos, procuravam informações junto à tabanca, quando a atividade exigia busca de dados fora do ambiente escolar. Delizoicov (1982) termina dizendo que apesar da avaliação “boa” de grande parte dos professores, um estudo deste porte precisa ser julgado através da conduta do aluno e do professor nas variáveis que se relacionam com a prática educacional.

#### 4. METODOLOGIA

A investigação proposta neste projeto tem natureza qualitativa, pois se pretende analisar um contexto de sala de aula, frente às suas particularidades, subjetividades e complexidades. Para tanto, a pesquisa foi desenvolvida em uma estrutura analítica integrada através de um Estudo de Caso. Segundo Lüdke e André (1986, p.17), “o Estudo de Caso é o estudo de *um caso*”, desta forma, compreende-se que uma determinada situação, por exemplo, mesmo sendo semelhante a outras, torna-se distinta devido as suas características, sujeitos e contexto analisados.

Bogdan e Biklen (2006, p. 89), afirmam que o Estudo de Caso “consiste na observação detalhada de um contexto, ou um indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico”. Contudo, Carvalho (2007, p. 31) cita que “qualquer instrumento interfere no fenômeno a ser estudado”, e Mello (2005, p. 47) diz que “não existem regras metodológicas fixas e definidas a priori, mas estratégias e abordagens de coleta de dados e interação”. A partir disso, entende-se que é favorável coletar os dados utilizando diferentes instrumentos, para relacioná-los e confrontá-los, a fim de melhor compreender os resultados obtidos.

Neste trabalho, primeiramente, foi realizada a análise documental do Projeto Político Pedagógico de uma determinada escola local da Vila de Cacine, assim como da legislação que norteia o ensino de Ciências Naturais na RGB e dos Projetos estruturados e coordenados por Demétrio Delizoicov Neto e José André Peres Angotti (DELIZOICOV, 1982).

Em um segundo momento, foram efetuadas as observações da rotina de sala de aula de uma turma de Ciências do 8º ano, durante cinco semanas. A utilidade deste instrumento está na possibilidade de um contato pessoal e estreito do pesquisador com o objeto de estudo (LÜDKE; ANDRÉ, 1986). Nesta etapa, o Diário de Campo foi empregado segundo o conceito de Porlán e Martín (1998, p. 19): “O diário permite refletir o ponto de vista do autor sobre os processos mais significativos da dinâmica em que se está imerso”. Este trabalho *in loco*, visa dimensionar o quanto do currículo escolar vigente e da proposta pedagógica empregada pelo docente integra-se à perspectiva de Paulo Freire e com o projeto de Formação de Professores de Ciências Naturais do CEPI ocorrido no início da década de 1980.

No decorrer do processo, foram executadas entrevistas semiestruturadas com o Diretor e o Professor da escola para um maior aprofundamento dos dados. Estas consistem em um guia de perguntas abertas para uma população específica, não há a necessidade de uma sequência rígida de apresentação das questões e há o espaço para interrogações complementares, segundo Manzini (2012). Além disso, o áudio das entrevistas foi gravado

em um adequado dispositivo eletrônico. Na sequência, o mesmo passou por um processo de transcrição onde foram conservadas as expressões utilizadas pelos entrevistados no idioma português de Portugal. Os termos de consentimento livre e esclarecido utilizados nesta investigação encontram-se no APÊNDICE A e no APÊNDICE B.

Os dados coletados foram analisados e interpretados segundo o sistema de codificação proposto por Bogdan e Biklen (2006) que dizem que:

O desenvolvimento de um sistema de codificação envolve vários passos: percorre seus dados na procura de regularidades e padrões bem como de tópicos presentes nos dados, e, em seguida, escreve palavras e frases que representam estes mesmos tópicos e padrões. Estas palavras e frases são categorias de codificação. As categorias constituem um meio de classificar os dados descritivos que recolheu [...] (BOGDAN; BIKLEN, 2006, p. 221).

As categorias de análise serão criadas visando contemplar os objetivos específicos da pesquisa, conforme se detalha no capítulo 5. Os dados serão discutidos, analisados, categorizados e interpretados sistematicamente a fim de serem triangulados. Segundo Carvalho (2007), a triangulação nos ajuda a aumentar a fiabilidade dos dados obtidos e dos procedimentos metodológicos, ampliando nossa coerência no cruzamento dos dados e a compreensão sobre o caso estudado.

Este trabalho foi realizado em uma turma de 8º ano de Ciências, com 52 alunos, em uma escola sediada na Vila de Cacine – Região de Tombali – RGB, no período de cinco semanas entre janeiro e fevereiro de 2014. Essa turma foi escolhida conforme a disponibilidade e consentimento do professor regente em receber a pesquisadora, e por que nessas são trabalhados conteúdos relacionados aos conhecimentos de Química. O 8º ano de Ciências na RGB corresponde ao 8º ano da educação básica brasileira.

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo, visa-se a trabalhar com os dados coletados de forma integrada, relacionando os objetivos específicos às categorias de análise criadas após leitura e interpretação dos mesmos. Desta forma, ao se triangular os dados, pretende-se compreender de forma mais clara os objetivos propostos na investigação sobre a atual realidade do ensino de Ciências Naturais na RGB. As categorias de análise elaboradas para a discussão e os respectivos objetivos específicos encontram-se na tabela 2:

Tabela 2 - Correlação entre objetivo específico e a categoria de análise

<b>Objetivo Específico</b>	<b>Categoria de análise</b>
Analisar as relações entre as orientações curriculares oficiais da RGB para o ensino de Ciências Naturais com as propostas curriculares coordenadas por Demétrio Delizoicov Neto e José André Peres Angotti (DELIZOICOV, 1982).	Documentos oficiais
Identificar quem são os professores de Ciências da Vila de Cacine, sua formação, carga horária e condições de trabalho.	Professores da Vila de Cacine
Verificar se as concepções freirianias norteiam as práticas educativas das salas de aula de Ciências de uma determinada escola da Vila de Cacine.	Concepções e Práticas

Fonte: elaboração própria.

### 5.1 DOCUMENTOS OFICIAIS

A primeira categoria de análise (Documentos oficiais) relaciona-se ao objetivo específico: analisar as relações entre as orientações curriculares oficiais da República da Guiné-Bissau, para o ensino das Ciências Naturais, com as propostas curriculares coordenadas por Demétrio Delizoicov Neto e José André Peres Angotti (DELIZOICOV, 1982). Cabe salientar que, seguindo o referencial de Bogdan e Biklen (2006), esta primeira categoria surgiu durante o processo de análise documental da legislação educacional vigente na RGB, do Projeto Pedagógico da escola, da transcrição da entrevista com o Diretor (APÊNDICE C), assim como da análise do “Projeto Formação de Professores de Ciências Naturais” do CEPI.

De acordo com as informações do capítulo anterior, as transcrições das entrevistas e dos documentos foram realizadas conservando-se as expressões utilizadas no idioma português de Portugal. Para apresentar os dados, algumas informações obtidas na entrevista serão relatadas durante a discussão sobre a descrição da Escola e dos seus documentos. A análise desta primeira categoria será conforme a triangulação mostrada na figura 6:

Figura 6 – Triangulação da 1ª categoria.



Durante a entrevista realizada com o Diretor, identificou-se que o mesmo é o fundador da escola. Ele é de nacionalidade brasileira e possui Bacharelado em Teologia e Missiologia e pós-graduação nos Estados Unidos. O Diretor conheceu a Vila de Cacine, setor administrativo da região de Tombali, em 1995. Ao constatar que não havia educação infantil, mudou-se definitivamente para esta aldeia no ano seguinte e, através da ajuda de brasileiros e guineenses, inaugurou a instituição de ensino de caráter de educação privada em 17 de outubro de 1997 na presença dos líderes religiosos, do Ministério da Educação Nacional e da comunidade em geral. Assim, a escola tornou-se pioneira ao oferecer à população, primeiramente, uma sala para os alunos de Jardim e duas para os da Pré-Escola. O mapa da figura 7 mostra a localização da Vila de Cacine.



Figura 7 – Mapa da localização da Vila de Cacine.



Fonte: Site Google Maps.

Quando questionado sobre os motivos que o levaram a fundar a escola, o senhor Diretor declarou que:

*“É, nossa motivação foi realmente que sabemos que um país sem educação é um país que nunca vai ser, vai ter desenvolvimento, um país de analfabetos. A nossa motivação foi realmente ver, é, Guiné-Bissau ser um novo país recebendo uma educação de qualidade e investir na vida das crianças. Porque ... dos alunos foram mal-alfabetizados e, por serem mal-alfabetizados, vão ter dificuldades até o final da vida por serem mal-alfabetizados. É por isso que iniciamos os pequenos, né, com as crianças pequenas, porque elas sendo pré-alfabetizadas elas vão ter facilidade em tudo, no desenvolvimento em todas as áreas”.*

Desta forma, verificou-se que os fatores motivadores do senhor Diretor são correspondentes aos princípios defendidos na Constituição da República (GUINÉ-BISSAU, 1996).

Segundo a Constituição da República, no artigo 16º:

1 - A educação visa a formação do homem. Ela **deverá manter-se estreitamente ligada ao trabalho produtivo**, proporcionar a aquisição de qualificações, conhecimentos e valores que **permitam ao cidadão inserir-se na comunidade e contribuir para o seu incessante progresso**.

2 - O Estado considera a liquidação do analfabetismo como uma tarefa fundamental. (GUINÉ-BISSAU, 1996, p.6. grifo nosso).

Conforme o Projeto Pedagógico, atualmente a Escola Betel-Cacine funciona nos turnos manhã, tarde e noite com ensino da Pré-Escola até o último ano do Liceu. No primeiro turno, discentes do 1° ao 4° ano frequentam as aulas das 07h 30min às 11h 30min; no segundo, do 5° ao 9° ano das 11h 40min às 15h 40min e, o último, 10° e 11° ano das 15h 30min às 19h 45min. Verificou-se que este horário diferenciado é devido à falta de energia elétrica na região e, também, à distância que os alunos precisam percorrer diariamente para estar em sala de aula (bicicleta ou a pé, sozinhos ou em grupos).

O Diretor complementou descrevendo que aos alunos do primeiro turno é oferecido almoço; para os do Liceu, aulas de informática básica. Os alunos compram o uniforme, o qual é obrigatório, e no início do ano letivo recebem um caderno e canetas. O ano letivo na RGB inicia no mês de Outubro, findando em Julho. O período de chuvas coincide com o período de férias.

A escola dispõe da seguinte infraestrutura, abaixo conforme as figuras 8 – 16:

- ✓ Banheiros (01 masculino, 01 feminino, 01 externo de uso coletivo);
- ✓ Biblioteca;
- ✓ Campo para as atividades de Educação Física;
- ✓ Cozinha;
- ✓ Horta;
- ✓ Pátio.
- ✓ Poço;
- ✓ Pavilhões de salas de aula em alvenaria (02 unidades);
- ✓ Refeitório;
- ✓ Sala da Direção;
- ✓ Sala dos Professores.

Figura 8 - Entrada da escola.



Figura 9 - Fachada da escola.

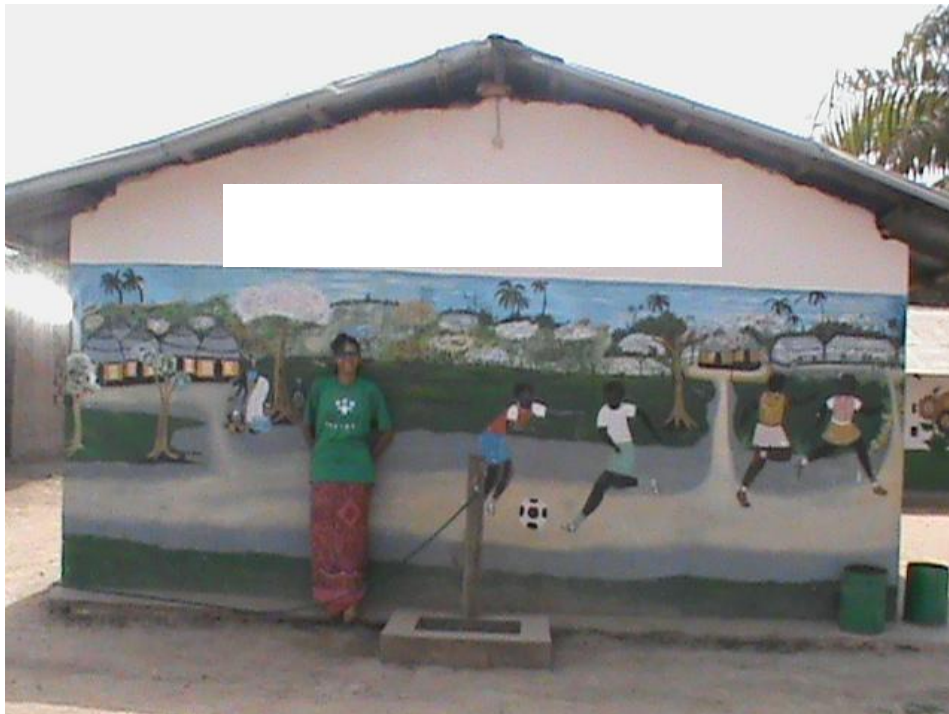


Figura 10 – Biblioteca.



Figura 11 - Livros de Química e Física.

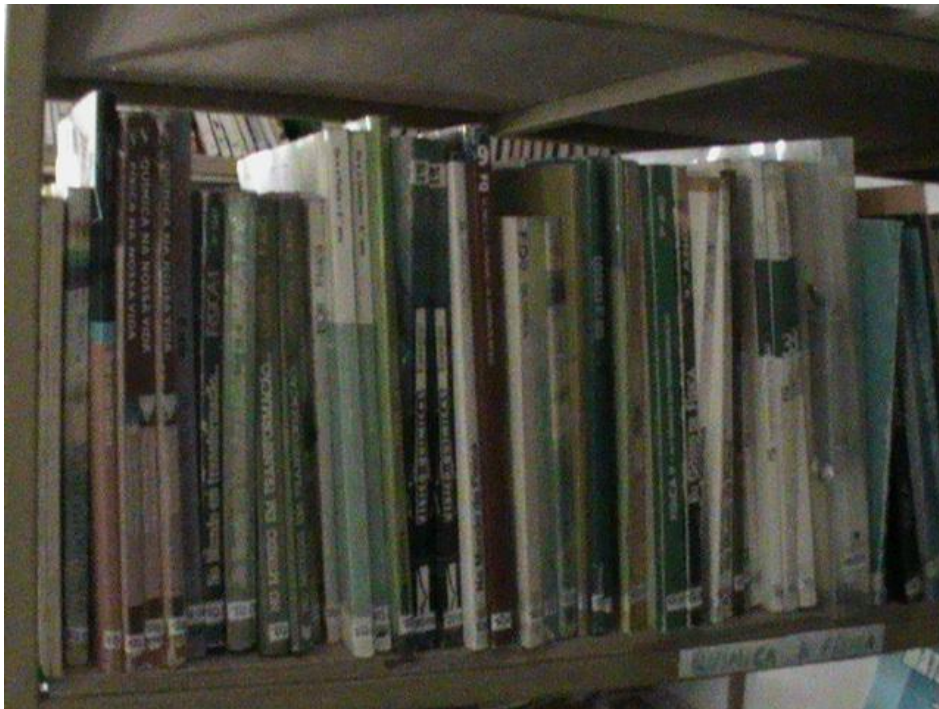


Figura 12 - Pavilhões de sala de aula.



Figura 13 – Banheiro.



Figura 14 – Banheiro de uso coletivo.



Figura 15 - Sala dos Professores.



Figura 16 - Cozinha, cozinheiras e refeitório.



Conforme o *site* Amigos das Escolas, “a Escola é uma instituição sem fins lucrativos, de ação social, cujo objetivo é de promover a formação nos domínios: Intelectual, Moral Cultural e Físico dos seus educandos”.

Durante o tempo de trabalho da autora nas dependências da escola, estavam sendo construídos mais dois pavilhões, sendo um deles com 2 salas de aulas, devido a demanda crescente de alunos das regiões próximas à escola; o outro será empregado como depósito de alimentos e produtos de limpeza.

Na Constituição da RGB (1996, p. 15), no artigo 49º: “[...] É garantido o direito de criação de escolas privadas e cooperativas”.

O Diretor explicou que a Escola, mesmo estando na categoria particular, segue as orientações das diretrizes do Ministério da Educação Nacional (GUINÉ-BISSAU, 200-) quanto ao conteúdo programático e material didático, mas a instituição possui liberdade para adicionar mais disciplinas:

*“[...] em Guiné-Bissau há dois sistemas de educacional: o oficial e o privado. Há o comunitário, mas não é reconhecido pelo governo, oficialmente três tipos de ensino: o privado; o oficial, que é do governo; e as escolas comunitárias, que é uma iniciativa de algumas ONG’s, mas aqui não é reconhecido oficialmente. Logo, a nossa escola está debaixo da “umbrella”, do guarda-chuva das escolas privadas. Logo, como escola privada, nós temos*

*o nosso conteúdo programático, mas tudo baseado naquilo que o Governo nos passa que temos que apresentar. Temos um livro que o governo nos faculta com todo o conteúdo programático, que a escola deve seguir o mínimo, mas nós estamos livres de colocar mais disciplinas e, por exemplo, nós temos aqui Cultura Religiosa, na nossa escola nós temos informática básica dos alunos do Liceu é o que nós colocamos, e ano que vem vamos ter francês também, para a nossa turma vamos iniciar o francês. Assim, o exigido é o inglês no ensino médio, mas nós vamos colocar querendo mesmo ano que vem, e vamos iniciar o francês, também porque moramos em um país que todos os países vizinhos falam francês... Logo, temos esse privilégio de, como escola privada, temos o boletim oficial de escolas privadas. Nós temos a nossa liberdade de trabalharmos, mas assim mesmo temos que é seguir as diretrizes do Ministério da Educação Nacional que são os nossos parceiros [...]. Assim, podemos ter um bom relacionamento com os Ministérios, são os nossos parceiros, mas realmente parceiros na área moral”.*

Em um dos documentos oficiais consultados (Programa do Ensino Básico Unificado), consta que:

O Ensino de Ciências Naturais tem como objetivo a alfabetização científico do aluno. Isto significa que ele deve adquirir habilidades e atitudes que lhe permite por um lado a interpretação **dos fenômenos naturais que ocorrem no seu meio e por outro lado a compreensão da utilização do meio ambiente e a sua consequência.** A concretização desse objetivo requer que o **aluno procure formular questões, discute, investiga e encontra respostas. O Professor para assim ser coordenador das atividades.** O professor e a acção do aluno revelam uma organização que corresponde e depende da estrutura mental. Por isso, nas duas primeiras fases a aprendizagem deve basear-se em situações concretas. Na 3ª fase podem-se empreender experiências de aprendizagem com certas abstrações sobre o mundo vivido pela criança (GUINÉ-BISSAU, 200-, p. 190 e 191. grifo nosso).

Desta forma, identificou-se convergência dos princípios orientadores do documento oficial do Ministério da Educação (GUINÉ-BISSAU, 200-) com a proposta de ensino de Ciências coordenada por Delizoicov e Angotti (DELIZOICOV, 1982), uma vez que a educação dialógica parte do princípio de que o conteúdo exposto em sala de aula tem que ser problematizado de acordo com a realidade dos sujeitos envolvidos no processo ensino-aprendizagem. Assim, o aluno, ao se expor e trabalhar de uma forma que resolva esta proposição, como, por exemplo, coletando dados nos debates em grupo, realizando experiências e pesquisando, através das intervenções apropriadas do docente, poderá apreender os conceitos científicos os quais são necessários para uma adequada alfabetização científica.

Entretanto, o material didático fornecido pelo governo é um pequeno livro de apoio ao professor, com características de cartilha, contendo textos introdutórios dos conteúdos



programáticos, orientações, exercícios de fixação e atividades práticas demonstrativas. Conforme a análise destes materiais, não se identificou relação com uma proposta pedagógica problematizadora, pois os conteúdos e exercícios estão baseados no modelo de educação colonial empregado por Portugal que é fundamentado na repetição exaustiva até a memorização dos conteúdos (DELIZOICOV, 1982). Enfim, não se verificou a contextualização dos conteúdos com as problemáticas das aldeias, nem mesmo exemplares relacionados às atividades agrícolas comuns nessa comunidade.

Sobre o apoio recebido do governo da RGB para implementar as orientações das diretrizes do Ministério da Educação o Diretor esclarece que:

*“[...] O apoio que recebemos é palavras de encorajamento, mas nada palpável... atualmente nós temos que pagar até mesmo uma taxa, é, de impostos dos nosso trabalhadores voluntários da escola. É, todos os trabalhadores da escola são voluntários, os professores aqui, e eles recebem uma doação mensal e essa doação é proveniente do que os pais contribuem. E a nossa escola é uma escola de ação humanitária, não queremos perder esse caráter, cobramos, é, um ano letivo um aluno do jardim/pré, é, vinte dólares anual. É anual, é, e dependendo do câmbio. E já um aluno do Liceu, do ensino médio, anual nós cobramos uns vinte mil franco CFA que, que em real, agora, em dólar, vai dar vinte, é, cinquenta dólares, que em real vai dar cento e vinte reais anual”.*

Ele narrou que há alguns voluntários, chamados pelo Diretor de parceiros, que doam livros, medicamentos, cadernos, etc. Como exemplo, a biblioteca é fruto de um voluntário estrangeiro que ajudou na construção deste espaço de estudo e leitura. Além disso, tem uma organização americana que é parceira há 3 anos, sua doação é em forma de alimentos, satisfazendo a fome diária das crianças do 1º ao 4º ano - para as quais é a única do dia. Os outros voluntários estão ligados à associação que é chamada de “Amigos das Escolas de Guiné-Bissau”. Para maiores informações sobre a associação consultar o ANEXO A.

Conforme relato do Diretor, a taxa anual, que é cobrada dos alunos, tem como finalidade cobrir as despesas da escola com alimentação, materiais de escritório, medicamentos e uma doação mensal aos professores. Como a situação econômica é igual em todo o país, muitos alunos acabam não conseguindo pagar a taxa exigida pela escola, por este motivo, alguns alunos são apadrinhados por brasileiros, suecos e húngaros, a fim de que seus estudos não sejam interrompidos. Sobre esses alunos, que não possuem recursos ou não são apadrinhados, o Diretor relatou que:

*“[...] outros (alunos) são, é, crianças que tem pai e mãe, mas são órfãos de pais e mães vivos, entende, são pais e mães que nunca estudaram, que não sabem a importância do*

*estudo, e eles tem que cortar o chebem, subir na palmeira, cortar aquele fruto, ele dá pra tia ou mãe cozinhar, preparar o óleo e vender e quando vendem vem pagar, e esse valor, cem reais, cento e vinte reais o ensino médio é dividido por três parcelas, né, logo, essa escola, realmente a gente luta pra que ela possa estar, sim, funcionando [...]”.*

Já quando questionado sobre a proposta do “Projeto Formação de Professores de Ciências Naturais” (DELIZOICOV, 1982), o Diretor afirmou que:

*“Sim, eu conheço-a, é a proposta de Paulo Freire, né, e já estudamos a... Aqui na escola, nesses seminários, e, como eu falei, há uma grande dificuldade de colocar em prática o que se aprende em sala de aula com os professores, porque os que foram formados nas escolas, eles foram formados de uma forma muito tradicional, né. A Guiné-Bissau é um país jovem, a Guiné-Bissau tem somente quarenta anos, é, de independência, viveu sob o domínio colonial, é um povo muito sofrido, é um povo que muitos ainda que guardam, tem um coração muito amargo pelo sofrimento que passaram na mão dos portugueses, eles não podiam nada, eles não valiam nada, é... a língua deles, a cultura era como um lixo, não é, e isso nós estamos lutando pra mostrar, não, eles tem valor. Tudo o que há nesse país há um grande valor: a cultura, os seus costumes, a sua língua, etc, etc. E isso, a, é muito forte na mente dos professores que tem quarenta e cinco anos, cinquenta anos, os mais, os mais jovens estão mais abertos, mas para implementar, é colocar na prática o método de Paulo Freire, usar o que tem, vamos falar sobre o caju, como utilizamos etc, etc. Mas estamos, é, como tem aquele dito que fala “água mole em pedra dura bate até que fura”, não é? Nós estamos lutando, para que possamos renovar a educação dessa nação”.*

Neste contexto, acrescido das evidências de que os princípios dos documentos oficiais são convergentes àqueles que fundamentaram o “Projeto Formação de Professores de Ciências Naturais”, destaca-se que a proposta ainda é lembrada e utilizada como um referencial a ser seguido, conforme os relatos do Diretor.

Salvo todas as dificuldades enfrentadas no contexto histórico-político, como os golpes de estado, as diversidades culturais e religiosas e a forte influência do período da colonização portuguesa, escolas como a referida neste trabalho visam contribuir para a formação integral dos guineenses. Mesmo que a escola pertença a rede privada de ensino, ela tem forte influência na comunidade de Cacine, visto que oferece atividades culturais, formativas, esportivas para toda a aldeia, apresentando forte diálogo com as escolas públicas e comunitárias. Conforme relato do Diretor, a Escola objetiva agregar valores de cidadania aos seus alunos:

*“[...] Assim, sempre, é, Guiné-Bissau é um país que você tem que incluir todos, é muito perigoso quando você tenta fazer algo exclusivo aqui. Nós temos que incluir, temos é realmente que tentar incluir a todos. Há outras escolas, a nossa é a única em todo o setor, nós temos vinte e três escolas, a nossa é a única escola privada. É, catorze são escolas, é, comunitárias o restante, se eu não me engano, é dez ou doze escolas oficial e a nossa é a única privada. Logo, se a nossa escola promove campeonato de futebol, nós vamos promover Semana da Criança. Quem dá abertura, nós chamamos uma escola oficial que vem jogar com os nossos alunos, mas nós temos que ter essa cooperação, essa, é, integrar, né, porque nós somos, lutamos pela unidade do povo de Guiné. Então, grandes barreiras aqui nesse país são étnica, logo, a nossa escola, ela luta contra o racismo né, em todos os aspectos, temos que aceitar, respeitar a todos, a todas as etnias têm o seu valor, todas as línguas têm o seu valor, todas as pessoas, com as suas religiões e partidos políticos, é, político, filosofia, têm o seu valor, mesmo a nossa escola sendo de caráter cristão, mas respeitamos os direitos das crianças, os direitos dos humanos, seres humanos”.*

Desta forma, evidencia-se que os documentos oficiais atuais apresentam coerência com as propostas do projeto do CEPI implementado no final da década de 1970, porém as condições de desenvolvimento do sistema de ensino da RGB não são favoráveis à efetivação dos princípios educacionais freireanos no contexto analisado, visto que os professores de Ciências Naturais recebem pequeno incentivo na forma de infraestrutura escolar, recursos didáticos e formação profissional, para superarem as influências de um longo período vivenciado no regime colonial.

## 5.2 PROFESSORES DA VILA DE CACINE

Esta segunda categoria (Professores da Vila de Cacine) correspondente ao objetivo sobre quem são os professores de Ciências da Vila de Cacine, sua formação, carga horária e condições de trabalho, a análise será realizada conforme a triangulação mostrada na figura 17:

Figura 17 – Triangulação da 2ª categoria.



Fonte: elaboração própria.

Quando questionado sobre o corpo docente, o Diretor apontou que há grande carência de professores em todas as áreas, pois a maioria dos professores das escolas públicas, particulares e das escolas comunitárias do setor de Cacine é voluntária e não tem formação superior completa, em especial nas Ciências Naturais:

*“[...] claro, a área mais necessária realmente é química, física, matemática. [...]É. E português.[...] Maioria dos professores [...] tem só o quarto ano e eles lecionam até o terceiro ano. Logo é um desafio que temos como Associação, de Associação Amigos da Escola, de iniciar uma suplência, até pelo menos o sexto ano”.*

Ao ser questionado sobre quem são os professores da escola, assim como o tempo de permanência e como ocorre a formação destes profissionais, o Diretor respondeu que são ex-alunos, formados por eles, em cursos de formação oferecidos durante o período de férias escolares:

*“A maioria dos nossos professores, é, dos professores do primeiro ciclo são alunos que terminaram a escola se formaram aqui na escola. Porque aqui na Guiné-Bissau, pra você lecionar do primeiro do jardim ao sexto ano, você deve ter pelo menos, no mínimo, o sexto ano, logo, é, nós damos, a nossa associação Amigos da Escola, sempre fornecemos formação durante as férias para os nossos professores do primeiro ciclo e segundo ciclo que são, recebem uma formação durante as férias, que as férias escolares de julho ao mês de setembro sempre reiniciamos em outubro o ano letivo, aqui inicia-se em outubro e eles recebem essa formação[...]. Assim, nós trabalhamos com aquilo que nós temos e a educação da Guiné tem melhorado; mesmo com todas as dificuldades do país, temos visto, assim, realmente tem se desenvolvido, mas estamos ainda longe, mas, mas, estamos caminhando”.*

Além da opção de formação oferecida pela “Associação Amigos das Escolas de Guiné-Bissau”, os professores também podem buscar cursos de formação de professores na capital, Bissau, onde permanecem durante este período longe de suas casas e de suas famílias ou ainda participar de editais oferecidos pelo governo, a fim de buscarem no Brasil a formação inicial do professorado, como explica o Diretor:

*“Outros tem é formação normal escola normal de Bulama que é uma escola do governo que forma professores que são aptos a darem aula até o nono ano. E temos é dois professores que são formados na Escola Superior de Educação tipo... da cidade de Bissau e temos voluntários como você”.*

Com os relatos do diretor, verificou-se que a maioria dos professores na escola é de voluntários:

*“São voluntários. Em média, tem professores que estão aqui há cinco anos, tem professores aqui é professora Regina\* que está desde a fundação, e que esse ano ganhou uma bolsa pra estudar na cidade de Bissau. Ela já teve a formação de um mês em Fortaleza, no estado do Ceará, no Brasil, e agora esse ano ela vai estar estudando, é, em Bissau, e o professor Carlos\* também que trabalhou desde a fundação comigo nessa escola, e que ele tinha a formação como professor normal de Bulama, mandamos ele para a Escola Superior, mas infelizmente ele está doente esse ano está em tratamento médico em Bissau. Assim temos dois desde o início, desde noventa e sete estão conosco, mas todos são voluntários, é, todos assinam documento realmente, é, que eles estão fazendo trabalho voluntário. [...] Todos em geral recebem durante as férias [...]”.*

Sobre a formação continuada do Corpo Docente da escola, o Diretor explicou que:

*“A reciclagem, a reciclagem é mais pro novo, pros novos sempre há um seminário especial. Ano passado tivemos um seminário só sobre planos de aulas onde foi dado por três senhoras, três professoras, uma canadense e duas guineenses na área de recreação escolar. Porque aqui na Guiné, é, em geral há uma grande dificuldade de termos aulas interativas e há uma dificuldade, é, do professor ser, trabalhar de uma forma diferente usando recursos visuais, mesmo que na nossa escola nós temos alguns, mas há uma grande dificuldade e esse seminário foi mais para encorajá-los [...]”.*

Como exemplo de professor que não tem formação superior, mas atua na área das Ciências Naturais, destaca-se o Professor A e o Professor B.

O Professor A possui o ensino Liceu completo e ministra aulas de Biologia, Física, Matemática e Química há 2 anos na Escola Betel-Cacine durante o turno da tarde. Ele não trabalha em nenhuma outra instituição de ensino, mas demonstrou interesse em participar de uma formação continuada, conforme respostas do APÊNDICE D. O Professor A afirmou que resolveu seguir a carreira docente para:

*“[...] ensinar os mais pequenos para fazer a troca das ideias... Porque ser professor ajuda também o próprio professor, porque às vezes o conceito do aluno pode ajudar o professor, e também o professor ajuda o aluno”.*

Conforme a entrevista cedida pelo Diretor, o Professor B participou das atividades da escola desde a sua fundação. Recebeu a formação de professor normal e foi enviado à Escola Superior de Educação que está localizada em Bissau. Até o momento da entrevista, este se encontrava sob uma enfermidade crônica e passando por um tratamento médico na capital, por este motivo, neste trabalho não há dados sobre este profissional da área de educação em Ciências Naturais.

Através do conjunto de dados acima, pode-se observar que as proposições do “Projeto Formação de Professores de Ciências Naturais” estão distantes da realidade de formação dos docentes guineense. Logo, mesmo que os princípios do projeto do CEPI sejam convergentes às orientações normatizadas nos documentos educacionais atuais da RGB, os docentes das escolas em geral não dispõem da instrução apropriada para ministrarem aulas de Ciências norteadas nas concepções freireanas. E sem professor habilitado, para trabalhar de forma coerente com as proposições do governo e dos documentos oficiais, a implementação dos objetivos de uma Educação de Ciências direcionadas à “dialogicidade” ou à “educação problematizadora” pode ficar prejudicada.

Sendo assim, no próximo subcapítulo, busca-se analisar se as concepções freireanas estão presentes na sala de aula de um dos professores de Ciências Naturais da escola.

### 5.3 CONCEPÇÕES E PRÁTICAS

A discussão da terceira categoria (Concepções e Práticas) relaciona-se a busca de verificar se as concepções freireanas norteiam as práticas educativas das salas de aula de Ciências da escola, através da triangulação mostrada na figura 18:

Figura 18 – Triangulação da 3ª categoria.



Fonte: elaboração própria.

A pesquisadora acompanhou uma das turmas de 8º ano do Professor A. Durante este período, realizou os registros sobre as rotinas de sala de aula e informações sobre a faixa etária e gênero dos alunos no Diário de Campo.

A turma que foi acompanhada durante esta investigação é composta de 52 alunos, sendo 8 meninas de 15 a 20 anos e 44 meninos de 15 a 27 anos.

Como o próprio Professor A explicou:

*“Então aqui sempre alguns costumam, é costume dar a sua filha em casamento sem concluir o ano. Às vezes, alguns fazem primeira, terceira, quarta classe e vão para casamento”.*

Desta forma, as mulheres, normalmente, apresentam menor escolaridade devido à cultura da menina ser dada pelo próprio pai em casamento.

Conforme os registros do Diário de Campo da pesquisadora, exemplificados com a descrição da aula 01 no Quadro 1, o Professor A desenvolveu conteúdos relacionados à Atomística, utilizando de quadro negro como recurso didático e de questionamentos orais, que ele denomina de “chamada oral”:

Quadro 1. Resumo do Diário de Campo.

Aula/ data	Temas trabalhados	Recursos utilizados	Observações Pesquisadora
1 <sup>a</sup> 22/01/2014	Átomo e suas partículas	Quadro	O professor chega e logo após me concede a palavra. Realizo uma breve apresentação e me dirijo ao fundo da sala de aula para observar. No quadro, o professor A escreve a data e o sumário. Ordenou que os estudantes fechassem os cadernos, pois seria realizada uma avaliação oral (chamada oral). “O que é um átomo”?, aluno número 8, pergunta o professor. “O que é um corpo?” Um aluno levanta a mão, mas não responde. “Como é constituído o átomo”? “Difere protões de eletrões”. O docente, ao perceber que os alunos não respondem as suas perguntas, pergunta se os mesmos estão estudando. “A química pode ser considerada ciência?” “Qual é a importância da química?” Quando o professor ordena aos alunos para abrirem os cadernos, soa o sinal.

Fonte: elaboração própria.

No Quadro 1, apresenta-se a primeira aula observada que exemplifica a rotina de sala de aula do Professor A em todas as aulas acompanhadas. De acordo com as aulas observadas, verificou-se que o Professor A ministra suas aulas de forma convergente ao modelo de ensino utilizado no período colonial, pois somente apresentava oralmente os conteúdos que estavam

sendo trabalhados. Além disso, ele utilizou de livros e questionários que não contextualizavam os conteúdos com o cotidiano dos alunos e das atividades realizadas na região.

Quando o Professor A foi questionado sobre o papel do aluno no processo de ensino-aprendizagem este relatou que:

*“... prestar atenção [...] sem perturbar a aula [...] tem que ser pontual, tem que ter higiene [...]”*.

Sobre o papel do professor no processo de ensino-aprendizagem destacou que:

*“Tem que ensinar o aluno [...] de uma forma que o aluno pode assimilar alguma coisa...”*.

Referente ao papel da escola para a formação da cidadania dos alunos, narrou que:

*“O papel da escola tem um grande papel de ajudar as crianças a fim de prupará-los seus para os futuros”*.

O material didático que ele utiliza para elaborar as aulas são os livros-texto de cada disciplina:

*“Eu tenho um livro de cada disciplina que eu leciono [...]”*.

Sobre a estratégia ou metodologia de ensino em sala de aula, ele descreveu a seguinte sequência:

*“Sim, às vezes, levo eles à biblioteca, ler alguns livros da disciplina, depois dou um questionário a fim de procurar na biblioteca. [...] Biblioteca e questionário. [...] Sim, sim, pode ajudar eles, porque às vezes o professor não dá algumas partes e o aluno não consegue descobrir essas partes”*.

Já sobre a avaliação e os instrumentos avaliativos, o professor descreveu que avalia não só o desempenho dos alunos quanto ao conteúdo, mas também seu comprometimento e participação:

*“Sim, avalio também o comportamento do aluno, se na verdade o aluno é pontual ou falta às aulas, caso o aluno ter a nota 11,95”*.

Conforme os documentos da escola, a nota máxima é 20 pontos e a média é 12. O Professor A relatou que o seu método de avaliação é através de *chamada* (“prova”, em crioulo) oral, *chamada* escrita e trabalho prático individual.

Neste contexto, entende-se que as concepções do Professor A, identificadas na entrevista, assim como sua prática no período que foi analisado e registrado no Diário de Campo, divergem dos princípios da educação freireana, principalmente por se basear que o aprendizado do aluno se fundamenta na transmissão de conhecimento oral.



Realidade semelhante à observada por Delizoicov (1982). O autor testemunhou que durante as suas visitas e observações da rotina das salas de aula, que a educação ocorria através da transmissão de saber via oral e que o docente possuía um Texto de Apoio, porém editado em Portugal. Segundo Delizoicov (1982), isso dificultava mais ainda o processo de ensino-aprendizagem, uma vez que este documento não contemplava o cotidiano das aldeias da RGB.

## 6. CONCLUSÃO

Ante os dados analisados, verifica-se que, decorridos 35 anos da implementação do “Projeto Formação de Professores de Ciências Naturais” do CEPI, esta proposta de ensino de Ciências Naturais ainda é uma referência utilizada para a formação dos professores guineenses. Mesmo que tal proposta não tenha atingido o êxito de ter sido efetivada na totalidade das salas de aula de Ciências, é relevante salientar a contribuição do projeto, visto que este continua fundamentando às perspectivas de um ensino direcionado à realidade e ao contexto da aldeia analisada na RGB.

Conforme os documentos educacionais analisados, as orientações oficiais são convergentes à proposta de trabalho norteada nas concepções freireanas, pois estas normatizam que as problemáticas das tabancas devem ser abordadas em sala de aula pelo professor e seus respectivos alunos, de forma interligada aos conteúdos escolares.

Entretanto, a realidade de sala de aula observada não condiz com a perspectiva de uma “educação problematizadora”, pois se identificou uma prática docente com características de um ensino direcionado a transmissão e memorização dos conhecimentos. Esta conduta docente, onde o professor explica o conteúdo e o aluno ouve, copia e faz exercícios repetitivamente, visando a verificação dos conhecimentos nas avaliações, não favorece um ambiente escolar onde professores e alunos investigam sobre os seus contextos e as relações entre o conhecimento científico e o conhecimento da cultura guineense e suas diferentes formas de expressão.

De acordo com o panorama apresentado na revisão bibliográfica deste trabalho, compreende-se que fatos históricos e políticos, como os golpes de estado e frequentes mudanças de líderes da nação, acrescidos da forte influência do período colonial português, assim como da carência de professores com formação apropriada e de recursos para a educação, contribuem para que a proposta do projeto do CEPI não esteja em plena atividade. Entende-se que o professor precisa de valorização e formação profissional para poder aperfeiçoar a prática de sala de aula, no sentido de implementar a “dialogicidade”. Salvo os cursos oferecidos no período de férias letivas, os professores que são contemplados com uma bolsa de estudos precisam se deslocar até a capital para poderem cursar uma formação em nível superior.

Este trabalho que finaliza o curso de Graduação da autora pode contemplar, mesmo que inicialmente, ambos os questionamentos da estudante que foram descritos no capítulo

introdutório. Também, lançar mão de outras questões as quais surgiram a cada dia naquela aldeia guineense, seja na escola, seja na tabanca.

As fotografias apresentadas no capítulo de discussão dos dados visavam ilustrar o a realidade do sistema educacional da Vila de Cacine, desde o final da década de 1990. E, apesar das dificuldades e da falta de incentivo do governo para iniciar e dar continuidade ao projeto, a escola trabalha para transformar a educação com um verdadeiro comprometimento e interesse de melhorar a qualidade da educação local, projetando assim, dialogar com a sociedade e transformá-la em um povo que será conhecido não somente por sua diversidade étnica, mas também por apreender um senso crítico e a consciência do seu papel social.

Como autora, fico muito satisfeita ao finalizar este plano de trabalho inicial. A realidade da RGB como um todo é impactante, porém os sentimentos que dali surgiram me motivam a dar continuidade a esta e a outras temáticas que podem vir a ser abordadas. Como exemplo, a discussão realizada sobre a formação de professores de Ciências. Com este trabalho verifiquei a necessidade de uma investigação mais precisa e detalhada sobre como proporcionar a formação inicial dos professores de Química em um contexto rural e africano.

## REFERÊNCIAS

- AGUILAR, L.; RAYMOND, N.; RODRIQUES, V. **Viagem Virtual à Guiné-Bissau**. 2003. Disponível em: <<http://www.teiaportuguesa.com/guineebissau/viagemguineebissau.htm>>. Acesso em: 06 maio 2014.
- AMIGOS DAS ESCOLAS. Promovendo o desenvolvimento sustentável através das Escolas. **Escola Betel-Cacine**. Disponível em: <[http://amigosdasescolas.org/?page\\_id=106&lang=pt](http://amigosdasescolas.org/?page_id=106&lang=pt)>. Acesso em: 26 maio 2014.
- ASSEMBLEIA NACIONAL POPULAR. **História da Guiné-Bissau**. 200- Disponível em: <<http://www.anpguineebissau.org/historia/historia-guine-bissau/historia-da-guine-bissau>>. Acesso em: 29 abr. 2014.
- AUGEL, M. P. O Contexto Geográfico, Histórico e Social. In: AUGEL, M. P. **Desafio do Escombros: Nação, Identidades e Pós-Colonialismo na Literatura da Guiné-Bissau**. Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2007. Cap. 2, p. 49-98.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Ed. Porto. 2006. 336 p.
- BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. Subsecretaria-Geral de Cooperação, Cultura e Promoção Comercial. Departamento de Promoção Comercial e Investimentos. **Dados básicos e Principais Indicadores Econômico-Comerciais Guiné-Bissau**. 2013. Disponível em: <<http://www.brasilglobalnet.gov.br/ARQUIVOS/IndicadoresEconomicos/INDGuineBissau.pdf>>. Acesso em: 29 maio 2014.
- CAMPOS, A. **História da Guiné-Bissau em Datas**. 2012. 60 p. Disponível em: <<http://novasdaguineebissau.blogspot.com.br/p/demografia-da-guine-bissau.html>>. Acesso em: 22 maio 2014.
- CARDOSO, C. **As Tendências Actuais do Islão na Guiné-Bissau**. 2004. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6904.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2014.
- CARVALHO, A. M. P. **Uma metodologia de pesquisa para estudar os processos de ensino e aprendizagem em salas de aula**. In: SANTOS, F.M.T.; GRECA, I.M. A pesquisa em ensino de ciências no Brasil e suas metodologias. Ijuí: Unijuí, 2007. p. 13-48.
- DELIZOICOV, D. Uma Experiência em Ensino de Ciências na Guiné-Bissau. Depoimento. **Revista de Ensino de Física**, v.2, n.4, dez, 1980.
- \_\_\_\_\_. **Concepção Problematizadora para o Ensino de Ciências na Educação Formal: Relato e Análise de uma Prática Educacional na Guiné-Bissau**. 1982. 292 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982.
- \_\_\_\_\_. O Ensino de Física e a Concepção Freireana da Educação. **Revista de Ensino de Física**, vol. 5, n.2, dez, 1983.

CONVERSOR DE DIVISAS EM LINHAS. **Calculador Gratuito em Linha de Conversão de Taxas de Câmbio Brasil e África Ocidental**. 2014. Disponível em: <<http://www.freecurrencyrates.com/pt/convert-XOF-CVE>>. Acesso em: 16 jun. 2014.

FREITAS, J. S. **Entre o Universalismo dos Direitos Humanos e o Particularismo Africano: o caso das crianças de Guiné-Bissau**. 2011. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Relações Internacionais) – Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa, 2011.

GBISSAU.COM. **Guiné-Bissau**: Notícias, Actualidades e Opiniões. 2014. Disponível em: <<http://www.gbissau.com/?p=10725>>. Acesso em: 22 maio 2014.

GOOGLE MAPS. Mapa de Cacine: Guiné-Bissau. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/place/Cacine/@11.104216,-14.9596829,7z/data=!4m2!3m1!1s0xee3d71da733d719:0x633552869e9412a6>>. Acesso em: 29 abr. 2014.

GUINÉ-BISSAU. Assembleia Nacional Popular. **Constituição da República**. Bissau: 1996. Disponível em: <<http://www.anguinebissau.org/leis/constituicao/constituicaooguine.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2014.

GUINÉ-BISSAU. Ministério da Educação Ciência e Tecnologia. **Programa do Ensino Básico Unificado**. 200-.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MANZINI, E. J. Uso da entrevista em dissertações e teses produzidas em um programa de pós-graduação em educação. *Revista Percurso*, Maringá, v.4, n.2, p.149-171, 2012.

Disponível em:

<<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/Percurso/article/view/18577/10219>>. Acesso em: 27 jul. 2013.

MARTINS, L. A. Aventura nos Rios da Guiné. **Revista Visão**, Lisboa, 2005. Disponível em: <<http://guinebissau.adbissau.org/historiaedadoseconomicos.htm>>. Acesso em: 20 maio 2014.

MELLO, M. **Pesquisa participante e educação popular: da intenção ao gesto**. Porto Alegre: Ísis, 2005.

ONU. **Relatório do Desenvolvimento Humano 2013**. A Ascensão do Sul: Progresso Humano num Mundo Diversificado. Disponível em: <<http://hdr.undp.org/en/content/relat%C3%B3rio-do-desenvolvimento-humano-2013>>. Acesso em: 30 abr. 2014.

PEREIRA, A. D.; VISENTINI, P. G. F. **A Política Africana do Governo Lula. 2008**. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/nerint/folder/artigos/artigo40.pdf>>. Acesso em: 17 mar. 2014.

PINTO, P. **Tradição e Modernidade na Guiné-Bissau: uma perspectiva interpretativa do subdesenvolvimento.** 2009. 70f. Dissertação (Mestrado em Estudos Africanos) – Universidade do Porto, Portugal, 2009.

PORLÁN, R.; MARTÍN, J. **El diario del profesor: Un recurso para la investigación en el aula.** 6 ed. Sevilla: Díada, 1998.

SEMEDO, J. M.; GOMES, V. **Diálogos Interculturais: Um olhar sobre as raízes africanas nas Comunidades Remanescentes de Quilombos do Estado do Maranhão, Brasil.** Disponível em:

<[http://issuu.com/imvf/docs/dialogos\\_interculturais\\_2012/60.#](http://issuu.com/imvf/docs/dialogos_interculturais_2012/60.#)>. Acesso em: 02 jun. 2014.

UNESCO. Ciências Naturais Ambiente. **Ciências Ecológicas para o Desenvolvimento Sustentável.** Disponível em:

<[http://translate.googleusercontent.com/translate\\_c?depth=1&hl=pt-BR&prev=/search%3Fq%3Dunesco%2Bguin%25C3%25A9-bissau%26client%3Dfirefox-a%26hs%3D1hy%26rls%3Dorg.mozilla:pt-BR:official%26channel%3Dfflb&rurl=translate.google.com.br&sl=en&u=http://www.unesco.org/new/en/natural-sciences/environment/ecological-sciences/biosphere-reserves/africa/guinea-bissau/boloma-bijagos/&usg=ALkJrhijILxCLwcq6xXkDnQp0Yhv-Iygmw](http://translate.googleusercontent.com/translate_c?depth=1&hl=pt-BR&prev=/search%3Fq%3Dunesco%2Bguin%25C3%25A9-bissau%26client%3Dfirefox-a%26hs%3D1hy%26rls%3Dorg.mozilla:pt-BR:official%26channel%3Dfflb&rurl=translate.google.com.br&sl=en&u=http://www.unesco.org/new/en/natural-sciences/environment/ecological-sciences/biosphere-reserves/africa/guinea-bissau/boloma-bijagos/&usg=ALkJrhijILxCLwcq6xXkDnQp0Yhv-Iygmw)>. Acesso em: 25 maio 2014.

UNITED NATIONS. Department of Field Support. Cartographic Section. **General Maps.** Disponível em: <<http://www.un.org/depts/Cartographic/map/profile/guineabi.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2014.

WORLD BANK. Countries. **Guiné-Bissau Aspectos Gerais.** 2014. Disponível em: <<http://www.worldbank.org/pt/country/guineabissau/overview>>. Acesso em: 29 abr. 2014.

## ANEXO A

### ASSOCIAÇÃO “AMIGOS DAS ESCOLAS DE GUINÉ-BISSAU”



#### “Promovendo o desenvolvimento sustentável através das Escolas”

#### A AAEGB ACREDITA EM TRABALHO

#### VOLUNTÁRIO!

Para a Associação ‘Amigos das Escolas da Guiné-Bissau’ - AAEGB- O voluntário é o jovem ou adulto que, por interesse pessoal e espírito solidário, dedica parte de seu tempo, meses ou ano em seu país de origem ou na República da Guiné-Bissau (RGB), sem remuneração alguma, a participar de atividades voltadas para o bem estar social servindo um dos projetos da associação nas áreas da saúde, educação, comunicação social e desenvolvimento comunitário ou, divulgando os projetos e levantando fundos para os projetos da associação no seu país de origem.

A AAEGB recebe voluntários especialistas que são técnicos ou profissionais que trabalharam em áreas específicas em um de nossos projetos na RGB. Os voluntários podem ser nacionais ou estrangeiros.

O bom aproveitamento do trabalho voluntário exige compromisso, disciplina, dedicação e como resultado traz grande desenvolvimento às comunidades.

Qualquer um pode ser voluntário, desde que ofereça o seu trabalho e arque com os custos de viagem, alimentação, seguro médico durante o tempo de serviço e, também que esteja pronto a servir junto aos projetos existentes.

#### **Seja um voluntário da AAEGB!**

Entre em contacto com o Diretor da AAEGB

E-mail: [aaegbissau@gmail.com](mailto:aaegbissau@gmail.com)

**ASSOCIAÇÃO “AMIGOS DAS ESCOLAS DE GUINÉ-BISSAU”**  
**CP 295 Bissau 1001 Codex – Guiné-Bissau – África Ocidental**  
**E-mail: [aaegbissau@gmail.com](mailto:aaegbissau@gmail.com) – Tel. 00 245 687 23 44**

## APÊNDICE A



Porto Alegre, 20 de Janeiro de 2014.

Senhor Diretor

Ao cumprimentá-lo, agradeço a possibilidade de realização de pesquisa em nível de Graduação (Trabalho de Conclusão de Curso – TCC) da acadêmica **ALESSANDRA QUADROS DA COSTA**, regularmente matriculada no Curso de Licenciatura em Química Noturna, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Ao mesmo tempo, solicito permissão para que os dados coletados durante o desenvolvimento das atividades em sala de aula e durante as entrevistas realizadas, pela referida aluna, sejam utilizados neste TCC. Cabe salientar que os dados obtidos junto a esta instituição estarão sob sigilo ético, que o nome da Escola não será divulgado e que será preservado o anonimato dos alunos e professores participantes da pesquisa.

Sem mais para o momento, despeço-me.

Atenciosamente,

De acordo,

Em \_\_\_/\_\_\_/2014

(carimbo e assinatura)

Prof<sup>a</sup> Camila Greff Passos  
Orientadora do TCC  
e-mail: [camila.passos@ufrgs.br](mailto:camila.passos@ufrgs.br)  
Tel: 55-51-33087796

INSTITUTO DE QUÍMICA - UFRGS

Av. Bento Gonçalves, 9500 - Prédio 43111. CEP 91540-000 - Porto Alegre/RS  
Fone (51) 3308 7220 - Fax (51) 3308 7304



## APÊNDICE B



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezados Professores:

Estamos desenvolvendo uma pesquisa em nível de Graduação (Trabalho de Conclusão de Curso – TCC) que objetiva analisar as rotinas de salas de aula de Ciências, assim como da comunidade escolar de Guiné-Bissau, visando contribuir para a realização de estudos futuros sobre a implementação de projetos educacionais com ênfase em temáticas que contemplem os conhecimentos químicos.

A sua participação é muito importante, para isso solicitamos a sua autorização, abaixo assinada, **para participar do registro das atividades em sala de aula por meio de gravação em vídeo, durante o período de cinco semanas e para participar de entrevista com gravação de áudio.** Os resultados deste estudo serão utilizados para produção e publicação de textos de caráter científico, pois estes dados farão parte do TCC. O anonimato dos alunos participantes dessa pesquisa será preservado. A sua identidade será mantida em sigilo e sua imagem será utilizada apenas para os fins desta pesquisa. Você poderá retirar-se do estudo a qualquer momento.

Desde já agradecemos sua colaboração e nos colocamos à disposição para qualquer esclarecimento.

Prof<sup>a</sup> Camila Greff Passos  
Orientadora do TCC  
e-mail: camila.passos@ufrgs.br  
Tel: 55-51- 33087796

Alessandra Quadros Da Costa  
Licencianda

### DECLARAÇÃO

Eu \_\_\_\_\_ declaro que fui esclarecido(a) sobre os objetivos e justificativas deste estudo de forma clara e detalhada e que concordo em participar desta pesquisa.

Guiné-Bissau, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2014.

Assinatura do(a) participante: \_\_\_\_\_

Assinatura do(a) pesquisador(a): \_\_\_\_\_

## APÊNDICE C

### Transcrição da entrevista com o Diretor

**A:** Estamos aqui na Escola Betel em Cacine na África, sou a Alessandra, estou na presença do Diretor Valberto\* e esse trabalho professor que vou fazer o meu TCC, né, ele vai falar em relação à formação dos professores de Química aqui da sua escola. E para isso na questão de formação de professores, um dos pontos principais é de fazer uma entrevista com o próprio diretor. Então primeiro a sua formação.

**D:** *Eu sou formado em Teologia, fiz bacharel em Teologia e Missiologia e pós-graduação na New Connecticut nos Estados Unidos.*

**A:** E o seu tempo de atuação aqui na escola.

**D:** *Olha eu sou fundador da escola e cheguei em Cacine no ano de noventa, minha primeira visita foi em 95 e ao chegar aqui em Cacine vi a realidade da educação...é precária. Havia só uma escola até o quarto ano e senti o desejo de abençoar o povo com a educação integral e iniciamos. Mudei para Cacine em 96 e iniciamos a construção dessa escola no ano final de 96 e inauguramos a escola Betel começamos com três salas de aula: Jardim e duas salas de Pré no ano de 97, em 17 de outubro de 97 foi inaugurada no educandário na presença dos líderes religiosos, do Ministério da Educação e do povo em geral e, para eles foi muito novo. Não havia nenhum jardim infantil, nenhum trabalho com crianças só a partir do primeiro ano da escola pública, nossa escola é pioneira na área de educação infantil. E essas crianças que nós temos acompanhado desde 97 e outras já estão na Universidade, Faculdade de Medicina. Outros estão no Brasil outros estão em Portugal e assim nós temos acompanhado essas crianças que hoje são adultos, outros já são até pais de família.*

**A:** Qual foi a sua motivação para fundação da escola, mesmo eu já sabendo, a prof<sup>a</sup> Camila ainda não sabe...

**D:** *É nossa motivação foi realmente que sabemos que um país sem educação é um país que nunca vai ser, vai ter desenvolvimento, um país de analfabetos. A nossa motivação foi realmente ver é Guiné-Bissau ser um novo país recebendo uma educação de qualidade e investir na vida das crianças. Porque... Dos alunos foram mal-alfabetizados e por serem mal-alfabetizados vão ter dificuldades até o final da vida por serem mal-alfabetizados. É por isso que iniciamos os pequenos né, com as crianças pequenas porque elas sendo pré-alfabetizadas*

*elas vão ter facilidade em tudo, no desenvolvimento em todas as áreas. E hoje temos uma pequena dificuldade na escola porque, porque as nossas crianças que estudaram aqui desde o jardim elas tem outro nível, mas quando chegam o sétimo na nossa escola é a única que tem o Liceu e assim temos que receber alunos de outras escolas que vem e esses alunos não tem o domínio da língua oficial portuguesa logo, tudo nesse país mesmo que não tem os livros, mas tudo o ensino da língua oficial portuguesa logo esses alunos no primeiro ano que é o sétimo ano deles na escola Betel é, realmente eles se sentem como um peixe fora d'água. Porque na escola Betel exigimos o português, na escola Betel temos uma biblioteca que muitos deles nem sabem o que é uma biblioteca e assim temos esse desnível agora, mas fomos sensíveis à necessidade da nossa região, da nossa comunidade de receber também outros alunos. No início é, eu fui um pouco bem forte na minha posição: - “Não vamos receber, vamos continuar só com os nossos alunos”, mas realmente não podemos discriminar outros alunos que querem que desejam estudar o nosso educandário realmente temos que recebê-los e realmente esse é um estrangulamento no momento e realmente gostaríamos muito de receber um voluntário ou uma voluntária que pudesse nos ajudar na área de língua oficial que pudesse vim dar reforço, aulas de reforço na língua oficial na língua portuguesa.*

**A:** E uma pergunta sobre essa questão de alguns alunos que vem do sétimo ano para o sétimo ano aqui na sua escola Betel os alunos reprovam como é que é?

**D:** *Mais de 50% dos que vem da escola oficial já sabemos que vão ser reprovados. É infelizmente, segundo ano os que não desistem, porque outros já desistem, já não estudam mais, principalmente as raparigas, as moças, alguns já desistem, outras vão para o casamento, elas já casam, são dadas a casamento, as que não desistem pro próximo ano são os melhores alunos sabe isso é bonito ver, mas por outro lado é triste e ver essa realidade de ver que outros não conseguem continuar, porque descobrem que realmente não sabem, outros chegam no sexto ano que não sabem escrever, às vezes, nem o básico ou a leitura péssima, o conhecimento realmente é muito baixo, muito aquém dos nossos alunos que iniciaram no jardim ou o pré aqui na nossa escola.*

**A:** Você recebeu apoio do governo?

**D:** *Boa pergunta. O apoio que recebemos é palavras de encorajamento, mas nada palpável... Atualmente, nós temos que pagar até mesmo uma taxa é de impostos dos nosso trabalhadores voluntários da escola. É, todos os trabalhadores da escola são voluntários os professores aqui e eles recebem uma doação mensal e essa doação é proveniente do que os pais*

*contribuem. E a nossa escola é uma escola de ação humanitária não queremos perder esse caráter cobramos é um ano letivo um aluno do jardim/pré é vinte dólares anual.*

**A:** 20 vinte dólares...

**D:** *É anual é e dependendo do câmbio. E já um aluno do Liceu do ensino médio, anual nós cobramos uns vinte mil franco CFA que que em real agora em dólar vai dar vinte, é cinquenta dólares, que em real vai dar cento e vinte reais anual. E fora isso temos medicamentos gratuito para as pessoas, para os alunos é, também, damos no início do ano um caderno e os pais também compram outro caderno, doamos canetas e os pais tem que comprar outras canetas. Assim, essa escola realmente é queremos continuar sendo uma escola que possa realmente ser uma escola de ajuda humanitária pela realidade da nossa aldeia onde vivemos é uma região de floresta a última floresta do país que é a floresta do Cantanhez, a maioria da população aqui são pescadores e agricultores, alguns tem pequenos é quintas, sítios né plantações de laranjas, de bananas eles vivem disso da agricultura. E realmente são muito carentes e alguns dos nossos alunos são adotados por brasileiros, por amigos da Suécia, da Hungria que mandam aquela oferta anual uma vez e ajudam um aluno a ter uma esperança de vida, de ter no futuro uma profissão, um trabalho. Como outros alunos estão na Universidade e isso nos alegra.*

**A:** Sim e esses alunos que recebem essa doação eles muitos deles são aprovados ou mesmo assim alguns não...

**D:** *A maioria. É podemos falar 90%. São aprovados, porque eles não tem o stress de tentar conseguir, outros tem que cortar, outros são é crianças que tem pai e mãe, mas são órfãos de pais e mães vivos entende são pais e mães que nunca estudaram, que não sabem a importância do estudo e eles tem que cortar o chebem subir na palmeira cortar aquele fruto ele da pra tia ou mãe cozinhar, preparar o óleo e vender e quando vendem vem pagar e esse valor cem reais, cento e vinte reais o ensino médio é dividido por três parcelas né, logo essa escola realmente a gente luta pra que ela possa estar sim funcionando né e sempre pessoas como você que vem como voluntário vocês trouxe alguns livros que fez que está fazendo a nossa escola mais rica né a nossa biblioteca. Aí vem um outro e traz um pouco de paracetamol, os medicamentos; vem outro e traz é uma doação de é de cadernos tudo isso faz a escola Betel possa ser uma escola de ação humanitária e comunitária.*

**A:** E quais são os teus colaboradores?

*D: Olha os meus colaboradores você é uma colaboradora a partir de hoje, a professora Camila, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul pode mandar voluntários, mas assim quem colabora conosco há três anos é o IPHD que é uma organização americana, eles doam arroz, feijão, óleo vegetal para a nossa escola e a cada dia as crianças recebem uma refeição que para muitos é a única refeição através dessa doação do IPHD né, e o restante são pessoas de boa vontade que estão ligadas a uma associação que eu fundei aqui chamada “Amigos das Escolas de Guiné-Bissau” que são voluntários. Temos um casal da Suécia que são reformados, aposentados que nos apoiam também, mas não temos nenhuma outra organização é ONG que nos apoia são realmente pessoas de boa vontade, pessoas de boa vontade que vem e da um tempo como voluntário um jovem de vinte e três anos da Hungria que veio pra três meses e ficou um ano e três meses e nos ajudou a construir a biblioteca para a nossa comunidade e que serve para a nossa escola, mas também serve para a nossa comunidade em geral.*

**A:** Agora professor na parte da legislação que nem lá no Brasil né que tem as Diretrizes Curriculares Nacionais e as orientações, aqui na escola Betel tem também as Diretrizes tipo uma LDB tem esse documento?

*D: Tem. A escola Betel como qualquer, em Guiné-Bissau há dois sistemas de educacional: o oficial e o privado. Há o comunitário, mas não é reconhecido pelo governo oficialmente três tipos de ensino: o privado, o oficial que é do governo e as escolas comunitárias que é uma iniciativa de algumas ONGs, mas aqui não é reconhecido oficialmente. Logo, a nossa escola está debaixo da umbrell, do guarda-chuva das escolas privadas. Logo, como escola privada nós temos o nosso conteúdo programático, mas tudo baseado naquilo que o governo no base que temos que apresentar, temos um livro que o governo nos faculta com todo o conteúdo programático que a escola deve seguir o mínimo, mas nós estamos livres de colocar mais disciplinas e, por exemplo, nós temos aqui Cultura Religiosa, na nossa escola nós temos informática básica dos alunos do Liceu é o que nós colocamos e ano que vem vamos ter francês, também, para a nossa turma vamos iniciar o francês. Assim, o exigido é o inglês no ensino médio, mas nós vamos colocar querendo mesmo ano que vem e vamos iniciar o francês, também porque moramos em um país que todos os países vizinhos falam francês... logo, temos esse privilégio de como escola privada temos o boletim oficial de escolas privadas nós temos a nossa liberdade de trabalharmos, mas assim mesmo temos que é seguir as diretrizes do Ministério da Educação Nacional que são os nossos parceiros no momento esse tempo temos é seminário para os nossos professores do primeiro ciclo que são os*

*professores do jardim ao sexto ano estão recebendo a formação que o inspetor da nossa região voluntário se dispôs a dar essa formação e a escola somente deu uma oferta, mas sem exigência da parte dele. Assim, podemos ter um bom relacionamento com os Ministérios são os nossos parceiros, mas realmente parceiros na área moral.*

**A:** E eu poderia ver esses documentos?

**D:** *Sim claro.*

**A:** Posso?

**D:** *Posso lhe facultar.*

**A:** Então tá. Se o senhor quiser atender eu posso parar aqui e a gente retoma.

O diretor atende a um aluno.

**A:** E quem são os professores da escola? Aí ficou assim né, se são professores formados, se eles são aqui da escola, como é que é essa questão.

**D:** *A maioria dos nossos professores é dos professores do primeiro ciclo são alunos que terminaram a escola se formaram aqui na escola. Porque aqui na Guiné-Bissau pra você lecionar do primeiro do jardim ao sexto ano você deve ter pelo menos, no mínimo, o sexto ano, logo, é nós damos a nossa associação Amigos da Escola sempre fornecemos formação durante as férias para os nossos professores do primeiro ciclo e segundo ciclo que são recebem uma formação durante as férias que as férias escolares de julho ao mês de setembro sempre reiniciamos em outubro o ano letivo aqui inicia-se em outubro e eles recebem essa formação. Outros tem é formação normal escola normal de Bulama que é uma escola do governo que forma professores que são aptos a darem aula até o nono ano. E temos é dois professores que são formados na Escola Superior de Educação tipo... Da cidade de Bissau e temos voluntários como você. Recebemos um casal de engenheiros de informática que trabalharam na área de inglês conosco deram módulos três meses e, também, informática para os alunos do ensino médio. Assim, nós trabalhamos com aquilo que nós temos e a educação da Guiné tem melhorado mesmo com todas as dificuldades do país temos visto assim realmente tem se desenvolvido, mas estamos ainda longe, mas mas estamos caminhando.*

**A:** Sim, mas já olhando pra trás já vê uma grande diferença, isso que é o bom, né. E em média esse tempo de permanência dos professores da escola.

**D:** *Em média, tem professores que estão aqui há cinco anos, tem professores aqui é professora Regina\* que está desde a fundação e que esse ano ganhou uma bolsa pra estudar na cidade de Bissau. Ela já teve a formação de um mês em Fortaleza no estado do Ceará no Brasil e agora esse ano ela vai estar estudando é em Bissau e o professor Carlos\* também que trabalhou desde a fundação comigo nessa escola e que ele tinha a formação como professor normal de Bulama mandamos ele para a Escola Superior, mas infelizmente ele está doente esse ano está em tratamento médico em Bissau. Assim temos dois desde o início, desde noventa e sete estão conosco, mas todos são voluntários é todos assinam documento realmente é que eles estão fazendo trabalho voluntário.*

**A:** E o senhor respondeu um pouco né que como ocorre a formação deles, alguns são alunos da escola que retornam e outros então recebem essa formação durante as férias.

**D:** *Todos em geral recebem durante as férias sempre há um é...*

**A:** Uma reciclagem?

**D:** *A reciclagem, a reciclagem é mais pro novo, pros novos sempre há um seminário especial. Ano passado tivemos um seminário só sobre planos de aulas onde foi dado por três senhoras, três professoras, uma canadense e duas guineenses na área de recreação escolar. Porque aqui na Guiné é em geral há uma grande dificuldade de termos aulas interativas e há uma dificuldade é do professor ser, trabalhar de uma forma diferente usando recursos visuais mesmo que na nossa escola nós temos alguns, mas há uma grande dificuldade e esse seminário foi mais para encorajá-los a...estar com os alunos, brincar, ensinar de uma forma brincando com as crianças e foi um tempo muito bom e não só os nossos professores, mas esse seminário são promovidos pela nossa Associação ...associação de voluntários e assim tivemos a participação dos professores das escolas comunitárias e escolas oficiais do nosso setor sempre convidamos a todos. Assim, sempre é Guiné-Bissau é um país que você tem que incluir todos, é muito perigoso quando você tenta fazer algo exclusivo aqui nós temos que incluir temos é realmente que tentar incluir a todos, a outras escolas a nossa é a única em todo o setor nós temos vinte e três escolas a nossa é a única escola privada. É catorze são escolas é comunitárias o restante se eu não me engano é dez ou doze escolas oficial e a nossa é a única privada. Logo, se a nossa escola promove campeonato de futebol, nós vamos*

*promover Semana da Criança quem da abertura nós chamamos uma escola oficial que vem jogar com os nossos alunos, mas nós temos que ter essa cooperação essa é integrar, né, porque nós somos lutamos pela unidade do povo de Guiné. Então, grandes barreiras aqui nesse país são étnica logo, a nossa escola ela luta contra o racismo né, em todos os aspectos, temos que aceitar, respeitar a todos, a todas as etnias tem o seu valor, todas as línguas tem o seu valor, todas as pessoas com as suas religiões e partidos políticos é político filosofia tem o seu valor, mesmo a nossa escola sendo de caráter cristão, mas respeitamos os direitos das crianças, os direitos dos humanos, seres humanos.*

**A:** Lá no Brasil a professora Camila me mostrou um trabalho do Delizoicov e Angotti que eles vieram para o Brasil e implementarem a utilização de temas geradores para a formação de professores segundo os princípios defendidos por Paulo Freire na década de setenta. O senhor chegou a conhecer essa proposta?

**D:** *Sim, eu conheço a é a proposta de Paulo Freire, né, e já estudamos a... Aqui na escola nesses seminários e como eu falei há uma grande dificuldade de colocar em prática o que se aprende em sala de aula com os professores, porque os que foram formados nas escolas eles foram formados de uma forma muito tradicional, né. A Guiné-Bissau é um país jovem, a Guiné-Bissau tem somente quarenta anos é de independência viveu sob o domínio colonial, é um povo muito sofrido, é um povo que muitos ainda que guardam, tem um coração muito amargo pelo sofrimento que passaram na mão dos portugueses, eles não podiam nada, eles não valiam nada, é.. a língua deles, a cultura era como um lixo, não é, e isso nós estamos lutando pra mostrar não eles tem valor, tudo o que há nesse país há um grande valor: a cultura, os seus costumes, a sua língua, etc, etc. E isso a é muito forte na mente dos professores que tem quarenta e cinco anos, cinquenta anos, os mais os mais jovens estão mais abertos, mas para implementar, é colocar na prática o método de Paulo Freire usar o que tem, vamos falar sobre o caju, como utilizamos etc, etc. Mas estamos é como tem aquele dito que fala água mole em pedra dura bate até que fura não é nós estamos lutando, para que possamos renovar a educação dessa nação.*

**A:** Então o senhor conhece essa proposta de temas geradores. Quais são as necessidades de professores aqui e quais seriam essas disciplinas que a escola precisa hoje?

**D:** *Ó, no momento, nós gostaríamos muito de ter alguém pro... Que pudesse coordenar o Ensino Infantil, que possa trabalhar realmente junto com os professores do Jardim ao quarto ano seria assim excelente. Outro professor, que viesse formar os nossos professores é temos*



*essa proposta de fazermos uma suplência nós vamos ser o pioneiro aqui nesse país não a suplência. Maioria dos professores das escolas públicas é das escolas comunitárias do nosso setor, principalmente das escolas comunitárias tem só o quarto ano e eles lecionam até o terceiro ano. Logo é um desafio que temos como Associação, de Associação Amigos da Escola, de iniciar uma suplência, até pelo menos o sexto ano. Se tivermos um professor ou professora que pudesse vir pra organizar essa suplência, mas claro a área mais necessária realmente é química, física, matemática.*

**A:** Igual o Brasil.

**D:** *É. E português. No caso aqui português, realmente se tivermos um professor ou professora é... que pudesse estar conosco e trabalhar português é seria tremendo.*

**A:** E desculpa, professor, a sua suplência é...

**D:** *A suplência seria supletivo né.*

**A:** Ah, o supletivo. Não, só pra tirar a dúvida.

**D:** *Seria um supletivo, supletivo não há em Guiné-Bissau, e muitas pessoas gostariam de estudar, mas não tem condições.*

**A:** Esse supletivo é pra...

**D:** *Seria os professores das escolas comunitárias, das escolas do setor.*

**A:** Ah, pra eles que vão até o quarto ano.

**D:** *Eles vão até o quarto ano, depois sexto ano e depois vamos aumentando...*

**A:** Sim, entendi. Muito interessante isso mesmo.

**D:** *Não há no país.*

**A:** E como ocorre a distribuição das turmas?

**D:** *De acordo com a área da pessoa, né, por exemplo: é... O professor que estuda, por exemplo, o professor Marcelo\* ele é formado na escola normal e ele e ele estudou e a especialidade dele é Educação Social e Matemática. Assim, essas disciplinas são as disciplinas deles. Agora, se não há professor, por exemplo, se não há professor no caso desse do professor que dava psicologia é não está aqui, porque está doente, está em Bissau. Aí o*

*que da português, porque ele na área que ele estudou ele estudou a disciplina de psicologia aí ele é apto a ajudar, porque são todos os ramos da psicologia, é um ano só, é só o básico. Logo se você estivesse aqui por um ano, você não daria só química, nós íamos te pedir pra no caso você falar a sua língua é o português, né, é a língua materna. Então, nós íamos te pedir pra você dar aula de português, porque você é uma falante da língua portuguesa. Logo nós te pediríamos você é uma professora de química mas aqui nas escolas, por favor nos ajude com o português. A gente trabalha com o que temos nossas ferramentas temos em mãos.*

**A:** Sim, sim. E essa questão que eu comentei com a professora Camila, né, de que há um número muito grande de rapazes, de meninos e um pequeno número de moças.

**D:** Ah, melhorou muito agora.

**A:** Por que que tem essa grande diferença de...

**D:** *É, primeiro lugar, é que eu quero ressaltar que já houve uma grande mudança: quando eu iniciei essa escola, nós tínhamos 75 alunos jardim-pré tínhamos podemos falar, oitenta por cento de meninos... Oitenta por cento e vinte por cento de meninas. Porque essa região é uma região islâmica e no islamismo é a religião islâmica a mulher é mais de casa, cuidar dos filhos, cuidar da casa e ela não pode se expor. E o medo deles quando eu iniciei essa escola que elas iam as crianças elas não queriam ser mais muçulmanas. E por esse medo muitos não mandavam, não enviavam as filhas, porque sempre a filha tem que casar muito cedo dezessete, quinze anos já vão pro casamento é... Agora já está mudando, nós temos os nossos dados estatísticos eu posso te facultar uma cópia que você possa levar e você vai ver que há um equilíbrio no jardim: metade meninos, metade meninas. Ou, às vezes, mais meninas até o quarto, até o sexto ano. Mas quando chega já sétimo ano nós recebemos alunos das escolas públicas e muitas delas, outras às vezes não terminam o sétimo ano que já vão ser dada em casamento. Eu quero dar um algo que tava lecionando no sétimo ano há dois anos atrás, fui à capital Bissau quando retornei cadê a Aline\* pessoal? Na lista de chamada tá faltando a Aline, onde tá a Aline? A Aline foi dada em casamento, casamento forçado, né, que no contexto brasileiro é algo que nem existe, né, mas que você tá vendo você pode explicar assim de uma forma mais clara. Mas foi dada em casamento e eu chamei a família e eu fui bem ríspido com eles, muito frontal com eles e eu falei não vocês vieram aqui matricular vossa filha, tiraram a vossa filha e não deram satisfação, muito mal. Mas assim são exemplos do que acontece aqui, mas é já no nosso setor é nós estamos felizes, porque quando iniciamos o nosso Liceu, nós tínhamos lá um primeiro ano nós tínhamos dez rapazes*

*e duas raparigas ... e duas moças. É no nono ano esse ano eu acho que a se eu não me engano sete ou oito raparigas, não é sete ou oito e o resto rapazes. Eu tenho os dados estatísticos vou te facultar, mas já os piquinotes, os pequenos, logo as próximas gerações, as próximas turmas sempre já vão ser mais moças, porque eles estão vendo... Algumas das nossas alunas estão na faculdade outros estão a trabalhar aqui, como a Carolina\*. Carolina é nossa criança do pré-escola, hoje ela é professora, foi a Bissau estudou e ela quer fazer enfermagem no Ceará, mas ela trabalha na biblioteca e da aula no primeiro ano, excelente funcionária. Assim as pessoas da aldeia já estão vendo ó a mulher pode também ter o seu trabalho, ter o seu dinheiro, né, ter a sua vida, estudar logo eles sempre gostam de copiar ver como a vida do outro é se tá dando certo vou fazer também pro meu filho. Assim é bom ver, temos a Eunice também outra nossa aluna que é funcionária também dessa escola. Assim isso traz uma grande diferença, quando eu cheguei em Cacine, havia somente uma professora para todo o setor, vinte e três escolas, na época era vinte e duas havia somente uma professora que era a professora Regina em todo o setor que era funcionária do governo também, mas hoje em dia já temos mais mulheres trabalhando, né, assim essa diferença de gênero está a mudar aos poucos e isso nos traz grande alegria. E um dos propósitos da nossa associação é lutar para alcançarmos as raparigas, as meninas, né, mostrar que as mulheres elas tem valor, tem direitos iguais aos homens.*

**A:** Eu tava me lembrando enquanto que o senhor falava em uma das saídas da escola aqui eu lembro de ver uma ou duas moças grávida, barriga já bem aparecendo assim. Isso é porque já foi dada em casamento ou porque já deu a saidinha?

**D:** *É muito triste a realidade de Guiné, porque há muitas crianças que não tem pais, né, crianças sem registro e isso corta o nosso coração é tempo de matrícula inúmeras crianças tem pai não-declarado logo, a maioria das adolescentes, infelizmente, começam a vida sexual muito novas e o sonho delas é ter um bebê. Elas brincam nessa cultura é... A brincadeira das crianças, essas meninas desde muito terna idade elas amarram uma boneca nas costas logo, o sonho ele é o da cultura, infelizmente. É... tem que ter filho, tem que, no crioulo se diz: “- Ten ki padi”, é muito forte isso.*

**A:** Não sabia disso.

**D:** *E sempre eu luto com as garotas, as meninas eu falo vocês podem, vocês devem casar com vossos livros agora, o namorado de vocês é um livro e esse caderno, porque quando elas começam a se relacionar com os rapazes é... Você já nota a diferença na escola. É o*

*comportamento, porque elas não estão preparadas psicologicamente, o físico está, outras ainda não estão. Já uma aluna nossa que já faleceu é vítima de gravidez precoce, estava grávida e... Recomendamos ela ir pra capital, porque aqui não há banco operatório e ela não foi e ela veio a falecer aqui na nossa tabanca.*

**A:** Quantos anos ela tinha?

**D:** *A Helena\* tinha dezesseis anos. Temos a foto dela, tem aqui no painel da escola. Mas uma aluna do sétimo ano, mas isso é muito triste, é muito triste, porque as crianças são crianças que... são abandonadas e nessa religião elas são crianças amaldiçoadas. A maioria dessas meninas, mesmo que o rapaz quer casar com ela a família não da vai dar pra outra pessoa, é questão religiosa, é questão religiosa. Assim, infelizmente, esse ano é o primeiro ano que a escola aceita grávidas, antes não aceitávamos, quando você esta gestante é nós falávamos não, mas esse ano tivemos o pedido de uma mãe e nós como direção da escola, reunimos os professores e nós falamos vai ser um bom exemplo para que ela venha, pra que eles possam ver é...que a gravidez precoce ela traz consequências sérias e não é um dia é uma vida. E vejo que amar essas crianças assim elas são altamente revoltadas, traumas tremendos, porque as pessoas fazem é brincadeiras de mau gosto na rua, há um preconceito tremendo fala: “- Abo ka tene pape, ken ki i bo pape”, você não tem pai, logo chama muito forte nessa cultura, e sempre eu coloco aos meus alunos e eu falo abertamente que os dois, porque na religião islâmica eles levam cem chibatadas.*

**A:** Quem leva cem chibatadas?

**D:** *As moças.*

**A:** Que ficam grávidas?

**D:** *Grávidas. Depois de ter o bebê, se são islâmicas, levam cem chibatadas e o rapaz também que engravidou. Se você é da religião islâmica isso é empregado aqui ainda, é empregado aqui ainda nessa nossa região, é uma questão da religião islâmica, né, e a grande maioria dessas meninas é são de etnias que são muçulmanas, não são todas, outras, também, é algo bem da, infelizmente,... Da parte dessa cultura, né, você tem que ter um bebê, você tem que ter um filho. E há muitas mães solteiras, né, e é algo que a gente convive e que da muita dor no nosso coração, porque essas consequências nos atingem são pessoas que sempre estão com necessidades, né, e você vê uma criança sofrendo na aldeia, ali é uma aldeia, não é uma cidade grande, nós vivemos juntos, nós somos parte dessa comunidade, esse povo é meu*

povo. Não é logo sempre há muitas necessidades: a hora de ter o bebê, às vezes não tem nem o sabão pra lavar a roupinha do bebê, a roupinha, isso sempre a gente tenta também abençoar, ajudar na medida do possível essas mães solteiras. É que às vezes algumas conseguem o casamento e outras que tem uma vida diferente, né, com a nossa cultura brasileira tem a sua vida privada...

**A:** Então na religião islâmica então pra ter filhos só depois de casar, casamento forçado ainda ..

**D:** É mas outros é casamento arranjado. E às vezes a criança nasceu e o pai já da, promete aquela criança pra um adulto, pra um amigo que pediu aquela criança pra ser a esposa. Ele não vai tocar nela sexualmente, mas a primeira menstruação ela vai ser entregue.

**A:** E eu vi um aluno albino, pequenininho. Aqui não tem aquela questão de sacrificar essas crianças...

**D:** Não ele é o primeiro albino, é uma criança que estava totalmente isolada na sociedade aqui, rejeitada, porque as pessoas não sabiam como lidar pelo pai o pai é um jovem amigo, já morou na capital, é um jovem que estudou até o sexto ano, é meu vizinho... Então eu pedi a ele pra...matriculá-lo na escola Betel, ele aceitou e hoje essa criança está no jardim é o segundo ano dela e hoje ela faz parte da sociedade.

**A:** É hoje eu vejo que ele tá envolvido, né.

**D:** Hoje ele é um ser humano, considerado humano. Antes não, ele era considerado um pequeno Irã, algo estranho, um pequeno demônio, é por ser diferente.

**A:** Sim por ser diferente.

**D:** Essa escola a gente realmente é a escola inclusiva, vamos incluir a todos, como tem um cadeirante, deficiente físico é com necessidades especiais. Ele que é o responsável da parte da educação física, do início das aulas, todos fazendo ginástica, chefe da higiene da sala dele. Quando temos a semana da criança, ele é o guarda-rei de goleiro da equipa. Assim, nós lutamos né pra que essa escola possa realmente abraçar a todos.

**A:** Sim. Estamos terminando, agora são bem rápidas. O turno da escola de funcionamento é manhã, tarde e noite?

*D: Olha esse ano por falta de espaço físico estamos construindo duas salas, porque não temos espaço para receber todos os alunos que deveríamos receber e temos até mesmo alunos a mais em uma sala, porque são nosso espaço, mas não podíamos negar esses alunos, porque não havia vaga em outra escola e nem aquele ano naquela escola. Logo, é nós estamos a funcionar esse ano de 7:30 da manhã às 11:30, de 11:45 às 3:45 e de 3:40 às 19:30, desculpa às 19:45.*

*A: Que esse é o turno da noite?*

*D: É. São três turnos.*

*A: E existe equipe diretiva que nem lá no Brasil: coordenação, supervisão, coordenação pedagógica?*

*D: Olha a nossa escola funciona assim, nós temos o Diretor, Subdiretor e Coordenador pedagógico, né, e temos é... O secretário que faz parte dessa equipe de liderança da escola, né.*

*A: A última, reuniões pedagógicas para a formação de professores o senhor já respondeu, né. Da questão ali das férias... Então tá professor, professor e diretor muito obrigada pela entrevista, quer deixar uma mensagem pra professora Camila, uma convocação pra ela vim...*

*D: É professora a senhora tem que mandar mais pessoal da Universidade Federal área de química, todas as áreas, todo mundo que quiser vir a senhora também vem aqui espionar a terra, tá bem? Quem que come a cabecinha do peixe aqui tem um peixinho chamado bentana se você comer a cabeça daquele peixe vai voltar sempre pra Guiné-Bissau, Guiné-Bissau é uma terra de muitas oportunidades. Dificuldades, mas com muitas oportunidades. E com o seu pouco você faz muito aqui. Venha a Guiné. Um abraço.*

\* Nome fictício para resguardar a privacidade dos guineenses.

## APÊNDICE D

### Transcrição da Entrevista com o Professor

Nome: *Serifo\**.

Formação Superior: *não*.

Tempo de atuação: *2 anos*.

Carga horária: *todos os dias, tarde e noite*.

Nº turmas e escolas: *ministra aulas somente na Escola Betel. Leciona para 4 turmas*.

Turno: *tarde*.

**A:** Qual o papel do aluno no processo de ensino e aprendizagem?

**S:** *E se não prestar atenção não pode aprender nada.*

**A:** Sim, sim. Essa pro senhor é esse o papel fundamental então do aluno: prestar atenção.

**S:** *Sim, sim, prestar atenção.*

**A:** Tem mais alguma?

**S:** *Sem turbar a aula.*

**A:** Ah, sim, sem perturbar a aula... tem uns que perturbam bastante.

**S:** *Sim, sim.*

**A:** E com é que você lida com esses que perturbam bastante? Tu chama atenção, manda pra fora.

**S:** *Sim, sim.*

**A:** Mais alguma resposta que o senhor queira dar no papel do aluno?

**S:** *Sim, o aluno tem que ser um aluno pontual, tem que ter higiene.*

**A:** Higiene...

**S:** *Higiene corporal.*

**A:** Ah, e o senhor olha cada aluno higiene corporal, assim?

**S:** *Sim, sim.*

**A:** E se ele não tá higienicamente assim...aí o que que o senhor faz? Manda ele lavar o rosto, o que que o senhor faz?

**S:** *Sim, sim, lavar.*

**A:** Prestar atenção, sem perturbar a aula, ser pontual e higiene corporal. Mais alguma coisa?

**S:** *Isso basta.*

**A:** Qual o papel do professor no processo de ensino-aprendizagem?

**S:** *Papel do professor?*

**A:** Exatamente.

**S:** *Tem que ensinar o aluno... de uma forma que o aluno pode assimilar alguma coisa...*

**A:** Mais alguma coisa?

**S:** *Não.*

**A:** E qual é o papel da escola para a formação da cidadania dos alunos?

**S:** *Papel da escola?*

**A:** Isto.

**S:** *O papel da escola tem um grande papel de ajudar as crianças a fim de prupará-los seus para os futuros.*

**A:** E esse futuro, eu posso mexer aqui um pouquinho o que que quer dizer nesse futuro, preparar eles para...o que que o senhor pensa assim de futuro de ficarem sempre aqui em Cacine ou irem para Bissau ou de estudar no Brasil?

**S:** *Às vezes, a escola, essa escola ajuda, já ajudou alguns vir a fazer a formação...*

**A:** Pode falar. A formação...

**S:** *Sim. A fim de servir essa escola...*



**A:** Então depois que a escola forma esses alunos, ela também ajuda a formar para voltar pra escola e ser professor?

**S:** *Sim.*

**A:** E qual é o material didático que você usa pra preparar as suas aulas, você utiliza algum livro?

**S:** *Sim, eu tenho um livro que cada disciplina que eu leciono...*

**A:** Ah é, o senhor da mais de uma disciplina. Agora que eu lembrei mesmo...esse livro o senhor comprou, o senhor recebeu de doação.

**S:** *Não, comprei esse livro, até estudar um pouco de cada professores de cada disciplina.*

**A:** Ah, tá. E aí, tem algo mais que você utiliza além do livro?

**S:** *Não.*

**A:** Não? Desculpa, quais são as disciplinas mesmo que você leciona?

**S:** *É matemática, física, química, biologia.*

**A:** E qual é sua estratégia ou metodologia, qual é o método que você utiliza para ensinar em sala de aula? Você só escreve no quadro ou você leva eles pra biblioteca ou faz experiências químicas.

**S:** *Sim, às vezes, levo eles à biblioteca, ler alguns livros da disciplina, depois dou um questionário a fim de procurar na biblioteca.*

**A:** E mais alguma coisa?

**S:** *Não*

**A:** Biblioteca e questionário.

**S:** *Sim.*

**A:** Tá. E eu posso te perguntar por que de ir à biblioteca e ler os livros o que que o senhor pensa que a biblioteca pode ajudar eles.

*S: Sim, sim, pode ajudar eles, porque às vezes o professor não dá algumas partes e o aluno não consegue descobrir essas partes.*

*A: Ah, sim. E quais são, qual é o teu método de avaliação e instrumentos avaliativos, como é que o senhor avalia o aluno? Se é só prova ou tu também tem outros quesitos que também avaliam o aluno.*

*S: Sim, avalio também o comportamento do aluno, se na verdade o aluno é pontual ou falta às aulas, caso o aluno ter a nota 11,95 ...*

*A: Ah, aí tu olha se ele é pontual?*

*S: Sim.*

*A: Já chegou de um aluno ter 11,95?*

*S: Não, não.*

*A: 11,75.*

*S: 11,75 até 11,5 se o aluno não tem esse comportamento pode deixar esse aluno ... valor.*

*A: E tem, você tem alunos que faltam bastante a aula?*

*S: Sim, alguns, alguns alunos atrasados, porque cada ...essa escola avalia o comportamento do aluno e a forma do comportamento do aluno se o aluno é pontual se não é pontual é assim.*

*A: Além, algo mais além de comportamento e ser pontual o aluno?*

*S: Sim.*

*A: Que que você avalia mais na hora de fechar uma nota?*

*S: Eu realizo chamada geral, chamada geral, trabalho prático individual e chamada escrita.*

*A: Professor o que que é chamada geral eu não entendi?*

*S: Eu vou chamar o aluno vem vou lançar a pergunta a fim de responder ... na altura.*

*A: É chamada oral, então?*

*S: Sim, oralmente.*

**A:** Ah, sim, fazia tempo que eu não ouvia chamada oral, lá pelo menos as escolas que eu já passei não fazem mais, mas eu já fiz prova oral também lá no Brasil quando eu era menor. Penúltima questão: qual é a influência da cultura seja ela social, econômica, política e religiosa aqui na tua na prática escolar. Que que isso interfere nas tuas aulas, no sentido assim professor: lá no Brasil, alguns conselhos estão mudando, se um professor tem alunos, por exemplo, negros ele tem que preparar uma aula que o aluno negro seja incluído, porque lá no Brasil tem um preconceito muito grande contra os negros, né. Agora tem muito a questão da alunos com deficiência: alunos cegos, surdos eles hoje estão entrando na escola. Então, os professores lá no Brasil tem que se preparar também pra receber esse aluno e isso vai mudar também o jeito de preparar a aula, para que aquele aluno cego, surdo também aprenda, também. Então eu te pergunto, o que que aqui essa cultura que tem aqui em Cacine na economia, na política se alguma coisa na religião muda quando você ensina, muda quando você entra na sala de aula.

*S: Então aqui sobre a escola Betel há a disciplina de Cultura Religiosa.*

**A:** Então a religião aqui não interfere na sua aula?

*S: Sim, sim, sim.*

**A:** Tá, os alunos nunca te perguntaram, também.

*S: Sim, sim.*

**A:** Tá e questões políticas elas não interferem na tua aula e nem econômica e nem social?

*S: Não, não, não.*

**A:** Tá. E como o professor Valberto nos mandou um e-mail dizendo as turmas e quantos alunos tem eu e a minha professora ficamos espantadas com o a baixa frequência das alunas, tem poucas alunas e muitos alunos, muitos homens em sala de aula e poucas mulheres, tem a tu podes me dar alguma, alguma conclusão porque que isso é assim aqui, porque lá no Brasil é quase parelho o número de meninas e o mesmo número de meninos, mas aqui tem uma diferença muito grande.

*S: Então aqui sempre alguns costumam, é costume dar a sua filha em casamento sem concluir o ano. Às vezes, alguns fazem primeira, terceira, quarta classe e vão para casamento.*

**A:** Ah, sim. E aí não tem, o marido não deixa voltar pra escola, ela tem que ficar em casa, porque...

**S:** *Sim, sim.*

**A:** Hum... Mesmo depois de casada, acabou a escola ou só fugindo?

**S:** *E às vezes, também, faltam meios...*

**A:** Falta...

**S:** *Falta de meios financeiros.*

**A:** Ah, sim, que aqui as famílias elas são grandes, né, professor, e quem sabe o pai e a mãe pode pagar a escola pra um, pra dois e o terceiro que veio não tem como pagar...

**S:** *Sim, sim, é isso.*

**A:** Então, ou a filha foi dada em casamento ou ela que não a família não tem dinheiro pra pagar?

**S:** *Sim.*

**A:** E a última pergunta professor: se você gostaria de fazer e também se há incentivo aqui na escola para você fazer uma formação continuada...

**S:** *Sim.*

**A:** Né, de, lá no Brasil é isso eu vou terminar química, mas existe também a formação continuada de eu todos os anos fazer pequenos cursos para melhorar as minhas aulas.

**S:** *Sim, sim.*

**A:** Você gostaria de fazer essa formação?

**S:** *Sim, mesmo.*

**A:** E aqui na escola tem esse incentivo?

**S:** *Sim.*

**A:** De fazer também?

*S: Sim.*

**A:** E só mais uma pergunta aqui que não tava aqui: porque ser professor.

*S: Por quê?*

**A:** Por que você decidiu ser professor.

*S: Então eu decidi ser professor porque que queria ensinar os mais pequenos para fazer a troca das ideias...*

**A:** Pode, pode falar.

*S: Porque ser professor ajuda também o próprio professor porque às vezes o conceito do aluno pode ajudar o professor e também o professor ajuda o aluno.*

**A:** E uma pergunta: o senhor estudou aqui nessa escola?

*S: Não.*

**A:** Qual escola estudou?

*S: Em Gabú.*

**A:** Ah, em Gabú.

*S: Sim.*

**A:** Gabú é uma tabanca ou é um ...

*S: Uma região.*

**A:** Uma região.

*S: Sim.*

**A:** Tem algumas coisas que já estava pensando antes professor, você nasceu aqui em Cacine, não?

*S: Não... Nasci em Mansoa.*

**A:** E isso fica muito longe?

*S: Sim.*

**A:** E eu posso perguntar, se tu deixa eu perguntar como é que tu veio parar aqui em Cacine?

**S:** *Podes.*

**A:** Como é que o senhor veio parar aqui em Cacine?

**S:** *Meu pai era funcionário do correio e foi transferido para Cacine...*

**A:** Pode, pode falar.

**S:** *Depois eu não demorei aqui muito tempo e fui em São Francisco quando o padre Gustavo\* chegou, fiquei lá muito tempo e até fiz de seis a sete anos de idade lá em São Francisco, voltou para Bissau.*

**A:** Onde é São Francisco?

**S:** *Na zona de ...(não entendi).*

**A:** Tá é aqui em GB mesmo.

**S:** *Sim em Guiné. É setor de Gana.*

**A:** O pai foi transferido pra?

**S:** *Para Cacine.*

**A:** E aí depois?

**S:** *Fiquei li e fui a estudar e quando terminou, fui pra São Francisco da Floresta...*

**A:** Ah, São Francisco da Floresta, lá você ficou com sua família?

**S:** *Não, não.*

**A:** Foi sozinho?

**S:** *Fui sozinho. Porque estive na mão de padre.*

**A:** Ah, tá, tá, entendi...aí você teve na mão desse padre então que ele você

**S:** *Até fiquei lá sete, sete anos. Depois fui para Bissau, fui transferido para Bissau em missão de Kumura.*

**A:** Missão de Kumura.

*S: Sim. Eu fiz sete, oitavo ano fui em Gabú. Eu fiz oitavo ano em Gabú, eu fiz nono ano em Gabú, voltou para Bissau até concluir o décimo segundo ano.*

**A:** E aí tu terminou o décimo segundo ano e voltou?

*S: Sim, aqui.*

**A:** Aí você mora aqui com sua família.

*S: Sim.*

**A:** E professor, só mais uma pergunta: tu incentiva os teus alunos a serem professor, quando eles estão ali terminando o décimo primeiro, décimo segundo ano, algum deles vem assim dizer professor eu também quero ser professor como você, tem essa questão, também?

*S: Sim.*

**A:** Os alunos vem conversar contigo?

*S: Sim.*

**A:** Aí o que que tu diz pra eles?

*S: É vem conversar com o diretor mesmo da escola, porque alguns alunos mesmo estão a estudar aqui e podes lecionar também aqui...*

**A:** Última professor de verdade. Por que matemática, física, química e biologia? Que você está dando. Você sempre gostou dessas disciplinas?

*S: Sim.*

**A:** Era aluno nota dez.

*S: Hum?*

**A:** Era aluno nota vinte (nota máxima)?

*S: Sim, sim.*

**A:** Eu não sou muito boa em matemática e física, mas eu dou aula também de matemática e física. Então tá, professor era só a minha entrevista contigo. Te agradeço muito, não sei se nos veremos em breve, mas eu quero aproveitar aqui e elogiar o teu trabalho, né, eu assisti as tuas

aulas, né, então eu olho assim venho de uma realidade bem, né, diferente de vocês, mas mesmo com tão pouco conseguem fazer um trabalho de muito boa qualidade. Então, estou aqui para te parabenizando, né, por ter insistido nos teus estudos, né, pelo professor que você é e por ter me orientado também no trabalho, porque eu queria vir aqui e não fazer do jeito brasileiro eu queria fazer do jeito que vocês fazem aqui.

*S: Sim.*

**A:** Né, então pode ser que muitos alunos te reclamem de mim, mas eu procurei fazer realmente o meu melhor.

*S: E assim...(não entendi).*

**A:** Obrigada, professor. Até, até, vou dizer até breve, porque não sabemos o que vai acontecer, né?

*S: Sim.*

\* Nome fictício para preservar a privacidade dos guineenses.